



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA**

SOFIA GOMES DA SILVA

**AS EMOÇÕES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: UMA ANÁLISE DE
YUSUKE URAMESHI**

PAU DOS FERROS

2023

SOFIA GOMES DA SILVA

**AS EMOÇÕES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: UMA ANÁLISE DE
YUSUKE URAMESHI**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Inglesa.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira

PAU DOS FERROS

2023

Ficha catalográfica

SOFIA GOMES DA SILVA

TERMO DE APROVAÇÃO

AS EMOÇÕES NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: UMA ANÁLISE DE

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Inglesa.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Me. Marcos Antônio da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof.^a Mnda. Eva Cristiane Firmino Bezerra
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico esta monografia aos alunos que, assim como Yusuke, precisam de um pouco de amor para aprenderem a amar a si mesmos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, que tiveram paciência comigo e me deram apoio durante os meses de escrita deste trabalho.

Aos meus amigos pela ajuda com dúvidas e correções.

Aos meus professores que me guiaram e mostraram os melhores caminhos a seguir durante a produção da monografia.

À banca por dedicar esse tempo para avaliar e ajudar a melhorar meu trabalho. Ao meu professor orientador, que foi compreensivo e me auxiliou com a pesquisa e produção deste trabalho.

E não me peça
Que eu mate o moleque que mora comigo
Ele é feito de barro, é meu lado bandido
É meu lado palhaço, é meu lado doído
(Leque Moleque, Alceu Valença, 1987)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar a problemática existente pela ausência de amor na relação professor/aluno, buscando descobrir quais suas consequências no desenvolvimento acadêmico e na autoestima do aluno. Como, também, encontrar soluções para essas questões, com o intuito de instigar uma discussão sobre a importância da amorosidade e do respeito às emoções do estudante dentro do processo de ensino-aprendizagem de línguas. Para isso, é feita a análise das relações pessoais da vida de Yusuke Urameshi, protagonista da obra Yu Yu Hakusho, com seus professores, colegas e familiares, mostrando suas complicações e explorando formas de solucioná-las. Há um breve resumo da história para contextualização e, em seguida, é feita a descrição detalhada dos pontos que são mais cruciais para a análise, sendo realizada uma reflexão sobre eles. Para tanto, nos embasamos nas teorias de Aragão (2011), com foco nas emoções no ensino de línguas; Barcelos (2004) que traz as crenças dentro do ensino de línguas e Soëtard (2010) com a teoria pestalozziana da Pedagogia do Amor. Por fim, concluímos que o afeto e a amorosidade são essenciais para o ensino-aprendizado de línguas e que é preciso respeitar o aluno, suas crenças e suas emoções, para que a aquisição de uma segunda língua seja possível e que dessa forma, a educação cumpra seu papel formativo de estudantes e cidadãos.

Palavras-chave: Ensino de línguas. Yu Yu Hakusho. Pedagogia do Amor. Crenças. Emoções.

ABSTRACT

This work intends to show the problematic that exists from the absence of love in the student/teacher relationship, looking to discover its consequences on the student's academic development and self-esteem. As well as, to find solutions for these questions, with the intention of inciting a discussion about the importance of lovingness and of respect for the student's emotions within the learning-teaching process. For that, it's done an analysis of the personal relations in the life of Yusuke Urameshi, protagonist of Yu Yu Hakusho, with his teachers, classmates and family, showing their complications and exploring ways of solving them. There is a short summary of the story for contextualization and then it's done a detailed description of the most crucial points for the analysis, being followed by a reflection about them. For that purpose, we based ourselves in the theories of Aragão (2011), with focus on the emotions within language teaching; Barcelos (2004), who brings the beliefs within language teaching and Soëtard (2010), with the Pestalozzian Pedagogy of Love theory. Finally, we conclude that affection and lovingness are essential for the learning-teaching of languages process and that it is needed to respect the student, their beliefs and emotions, so that the acquisition of a second language becomes possible and that way, education will fulfill its formative role of student and citizens.

Keywords: Language teaching. Yu Yu Hakusho. Pedagogy of Love. Beliefs. Emotions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Apresentando o protagonista	37
Figura 2 - A morte de Yusuke.....	38
Figura 3 - Yusuke sendo confrontado por Keiko	42
Figura 4 - A fama de Yusuke.....	43
Figura 5 - Rebelde solitário	44
Figura 6 - A aparente agressão.....	45
Figura 7 - A quebra de expectativas.....	45
Figura 8 - O professor Iwamoto.....	47
Figura 9 - A acusação injusta	47
Figura 10 - O surgimento de Takenaka	48
Figura 11 - A preocupação do professor Takenaka	50
Figura 12 - Área residencial onde Yusuke mora e sua mãe, Atsuko Urameshi	51
Figura 13 - A vida familiar dos Urameshi	52
Figura 14 - O encontro de Yusuke e Masaru.....	58
Figura 15 - O rebelde gentil.....	59
Figura 16 - A recusa ao teste de ressurreição.....	61
Figura 17 - A mãe de Yusuke em estado de choque	63
Figura 18 - Keiko sendo consolada	63
Figura 19 - Kuwabara pedindo que Yusuke ressuscite	64
Figura 20 - A índole distorcida de Iwamoto	65
Figura 21 -A intervenção de Takenaka	65
Figura 22 - Takenaka e Atsuko chorando pela morte de Yusuke.....	66
Figura 23 - Masaru e sua mãe no velório de Yusuke	67
Figura 24 - Masaru conversando com sua mãe	67
Figura 25 - Yusuke se emociona com a fala de Masaru	68
Figura 26 - Yusuke aceita fazer o teste de ressurreição	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	15
3 CAPÍTULO TEÓRICO	17
3.1 O papel das emoções no ensino-aprendizado de línguas	17
3.2 As crenças no ensino-aprendizado de línguas e sua importância para a educação	20
3.3 As emoções dos alunos dentro da Pedagogia do Amor	28
4 ANÁLISE DO OBJETO	37
4.1 O mangá e o ensino de línguas	37
4.2 As dores e os amores das relações humanas	42
4.3 O amor-próprio que nasce do luto	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

A autora desse texto cresceu envolta por elementos da cultura pop japonesa, tais como animações, filmes e músicas. Porém, um gênero em específico ganhou destaque, o mangá, devido à leitura constante ao longo de sua vida e ao apego emocional às histórias, proporcionados por esse contato.

Mangá é o nome popular utilizado para se referir às histórias em quadrinho japonesas. Segundo Ramos (p. 15): “Pode-se afirmar que apenas os quadrinhos produzidos no Japão podem ser chamados de Mangá. Assim como as Histórias em Quadrinhos são brasileiras e também podem ser chamadas popularmente de gibis.” Os mangás são caracterizados por seus desenhos em preto e branco, ao contrário dos gibis brasileiros, que são coloridos em sua maioria, e pela leitura ser no sentido oriental, da direita para a esquerda, ao contrário dos quadrinhos ocidentais, que são lidos da esquerda para a direita.

Suas histórias retratam aspectos sociais, psicológicos e emocionais das personagens em sua vida cotidiana, o que pode ser mais próximo da realidade, como em um ambiente familiar ou escolar, ou com características do fantástico, com aventuras por mundos mágicos e cheios de seres místicos. O Mangá não traz apenas o lado lúdico dos personagens, há um espaço para a vida real (colegiais, esportes, brigas e sentimentos) que tornam os aspectos interessantes aos leitores, principalmente para aqueles que possuem uma vida regrada e cheia de compromissos.

O Mangá tem o intuito de unir o real e o cotidiano com a fantasia, ou seja, a fuga da realidade. (RAMOS, p.15). A obra que será analisada nessa pesquisa tem por título Yu Yu Hakusho, de autoria de Yoshihiro Togashi, e teve um período de publicação de 4 anos, de 1990 a 1994. A história acompanha o jovem protagonista, Yusuke Urameshi, ao longo de sua vida, enquanto ele enfrenta problemas pessoais e cotidianos, estando cercado, também, por magia e mistério.

A escolha do uso do material de Yu Yu Hakusho surgiu proveniente do interesse da autora de explorar e entender a importância da amorosidade no ato de ensinar e das emoções que o aluno sente durante o processo de ensino-aprendizagem. Esse interesse foi despertado pelas vivências da autora dentro do ambiente escolar, primeiro

como aluna e, depois, como docente, através de estágios e projetos de ensino dentro da universidade.

Durante essas vivências, foi notado como a conexão e o bem-estar emocional entre alunos e professores era essencial para uma convivência agradável dentro de sala de aula e, conseqüentemente, um aprendizado efetivo. Por isso, o mangá de Yu Yu Hakusho se mostrou um ótimo objeto de análise para explorar esses pontos, pois, a história apresenta uma relação professor-aluno entre o protagonista Yusuke Urameshi e dois de seus professores. Sendo essa, porém, uma relação não ideal, com conflitos constantes entre os professores e o aluno, Yusuke.

Tais conflitos são gerados, principalmente, mas não unicamente, pela arrogância e abuso de autoridade dos professores. Não há qualquer tipo de afeto, respeito e amor direcionado ao estudante ou ao ato de ensinar. Isso está presente na ideia do desequilíbrio da harmonia entre autoridade e liberdade definida por Paulo Freire: “o autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade [...]. (FREIRE, 2021, p.86).

O descaso dos docentes com seus papéis de educadores acaba provocando reações adversas no aluno, o qual se torna revoltoso, agressivo e indiferente a qualquer tentativa de aproximação vinda de outras figuras de autoridade em sua vida. Yusuke falta às aulas, se envolve em brigas, tabagismo, jogos de azar e pequenos furtos. Além de que, ele não tem uma relação familiar bem estruturada, o que também influencia em seu mau comportamento, algo que deve ser considerado por seus professores para que possam, realmente, entender seu aluno.

Assim, será feito o uso das teorias presentes nas obras de Barcelos (2004), Soëtard (2010) e Aragão (2011), para realizar uma análise embasada nas crenças, emoções e amorosidade dentro do processo de ensino-aprendizagem, buscando respostas para os seguintes questionamentos: Como essa falta de afeto no ensino prejudica o protagonista? O que precisa ser melhorado nessa relação? Quais as conseqüências que as relações sociais, dentro do ambiente escolar, têm sobre a autoestima do aluno?

Esta pesquisa tem o objetivo geral de investigar as consequências dos conflitos na relação entre o protagonista Yusuke Urameshi e seus professores, dentro do processo de ensino-aprendizagem, no mangá Yu Yu Hakusho. Seguido pelos objetivos específicos de compreender como o relacionamento de Yusuke Urameshi com seus professores afeta a sua vida pessoal e acadêmica, entender a importância de conhecer e respeitar o estudante e analisar as consequências que a falta de afeto gera sobre a autoestima do estudante.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de natureza descritiva, ou seja, ela “busca observar, descrever, classificar, analisar, coletar dados sobre o fenômeno ou objeto-problema.” (BAPTISTA e PANASIEWICZ, 2013, p.93). Com uma abordagem indutiva, ou seja, ela “parte das observações particulares para chegar a conclusões gerais.” (BAPTISTA e PANASIEWICZ, 2013, p.94). Pois serão utilizadas obras que se encaixam nos ideais da Pedagogia do Amor, desenvolvida por Johann Heinrich Pestalozzi e apresentada por Soëtard (2010), na teoria das crenças, apresentada por Ana Maria Barcelos Ferreira (2004) e a teoria das emoções, apresentada por Rodrigo Camargo Aragão (2011). Fazendo uso dessas teorias para entender uma situação particular apresentada na história que serviu para refletir sobre um contexto geral de educação. O acesso a essas obras ocorreu por meio de acervo pessoal e público, de maneira online e física.

As obras desses teóricos se mostraram ideais para o propósito desta pesquisa devido às suas ideias de ensino que exploram a conexão do professor com os alunos, visando o lado humano da educação. Além de sua importância e relevância dentro do contexto de pesquisa sobre o ensino de línguas no Brasil, como é o caso de Barcelos (2004) e Aragão (2011), e por sua contribuição com a reforma do ensino mundial, como é o caso de Pestalozzi (2010).

Através dessas leituras, busco investigar a importância do amor dentro do processo de ensino-aprendizagem, de maneira a entender as consequências da sua ausência na vida dos estudantes. Fazendo uso das teorias estudadas, será feita uma análise da personagem Yusuke Urameshi e a influência que seus professores possuem em seu desenvolvimento enquanto aluno e cidadão.

Yusuke é o protagonista do mangá japonês intitulado Yu Yu Hakusho, de autoria de Yoshihiro Togashi, originalmente publicado no Japão entre os anos de 1990 a 1994. A obra foi publicada no Brasil pela editora JBC e é completa em um total de 19 volumes. Entretanto, para esta pesquisa, será utilizado apenas o primeiro volume da obra, com a análise voltada exclusivamente para o primeiro capítulo, das páginas 5 a 49.

A escolha do *corpus* de análise desta pesquisa se realizou devido às inquietações relacionadas ao bem-estar dos alunos no ensino. Os quais sofrem com a falta de atenção e amor em seus lares e que não encontram compaixão ou refúgio nos professores, algo que está presente na obra de Yu Yu Hakusho. Com isso, o uso das teorias da Pedagogia do Amor, das crenças e das emoções, se mostrou adequado para entender esse problema e buscar soluções.

Independentemente da nossa consciência ou vontade, o futuro está sendo gestado e parido o tempo todo por nós, educadores profissionais ou não. Porém, se o quisermos de forma que seja um Futuro que proteja a Vida Coletiva e eleve e honre nossa dedicação profissional, precisamos repensar e refazer nossas práticas, isto é, nos novos tempos, novas atitudes! (CORTELLA, 2014, p.11).

Trago essa citação pois ela se encaixa no caráter descritivo da pesquisa, já que ele se deve ao fato de que, como disse Cortella (2014), essa é uma discussão que não se torna antiquada no campo da educação. Muitos educadores e pesquisadores vêm relatando suas experiências e conclusões sobre o tema, trazendo novas contribuições para o melhoramento do ensino-aprendizagem. E, justamente por isso, é necessário ler essas obras para entender toda a abrangência do problema e o que foi dito sobre ele, para que o ensino continue relevante para as gerações de alunos que surgiram como era contemporânea. Dessa forma, essa pesquisa encontrou seu lugar dentro do estudo do ensino-aprendizado.

No capítulo seguinte serão descritas, detalhadamente, as teorias que serviram de base para esta pesquisa, de modo a esclarecer os pensamentos e ideias que foram fundamentais para realizar uma análise cuidadosa e promover conclusões sólidas e bem fundadas sobre o *corpus*.

3 CAPÍTULO TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentadas as teorias que serviram de base para a interpretação e análise do *corpus*. De início, é trazida a teoria de Aragão (2011) sobre as emoções dentro do processo de aprendizagem de línguas e como elas influenciam no aprendizado do aluno. Em seguida, a teoria de Barcelos (2004) sobre as Crenças no ensino-aprendizagem de línguas e sua importância para a formação de alunos e professores no ambiente escolar. Por último, a obra de Soëtard (2010) que apresenta a teoria da Pedagogia do Amor de Pestalozzi, a qual demonstra a importância do protagonismo do aluno e da valorização de suas emoções dentro do processo de ensino-aprendizagem.

3.1 O papel das emoções no ensino-aprendizado de línguas

Na introdução de sua obra, intitulada *Diferenças Individuais e a Perspectiva da Dimensão Afetiva no Ensino de Línguas*, publicada no ano de 2011, Aragão chama atenção para o fato de que os estudos baseados no ensino de línguas focam somente no lado cognitivo da pesquisa e, se não esquecem completamente, focam somente nos aspectos negativos das emoções do aluno, rotulando-as apenas como um empecilho para a cognição dele:

Nessa perspectiva, a forma mais difundida de se compreender a aprendizagem de línguas é a partir do isolamento da cognição, característica essencial do humano na tradição do pensamento ocidental. Neste âmbito, o aspecto emocional da aprendizagem, quando considerado, tende a ser tratado de maneira secundária e comumente apontado como tendo sempre efeitos negativos sobre a cognição [...] (ARAGÃO, 2011, p. 164).

Aragão (2011), embasado em outros pensadores do ensino de línguas, ressalva como os estudos nessa área sempre foram muito cognitivistas, além de que, a linguística possui uma herança histórica do pensamento racionalista de Platão, o qual apontava a razão como superior às emoções, e, portanto, em ambos os casos, as emoções ficam em segundo plano ou são totalmente ignoradas: “a linguística pode ser

vista como descendente direta do pensamento racionalista inaugurado por Platão na tradição e que, portanto, exclui de suas preocupações como um todo as emoções” (ARAGÃO, 2011, p. 166).

Scovel (2000, p. 140 *apud* ARAGÃO, 2011, p.167) reforça como ainda não compreendemos a função das emoções no processo de ensino-aprendizagem de línguas, chamando atenção para seu potencial de ser a característica decisiva do aprendizado de línguas: “a grande ironia é que a emoção poderia terminar provando ser a força mais influente na aquisição de línguas, mas as variáveis afetivas constituem a área que os pesquisadores de aquisição de segunda língua menos entendem”.

Aragão (2011) explica como os estudos na área de aquisição de uma segunda língua buscam entender os motivos distintos pelos quais um aluno tem maior ou menor facilidade em aprender a L2, usando isso como base para identificá-las e corrigi-las, como se esses traços individuais de personalidades fossem apenas um problema no aprendizado do estudante.

O elo que une esses pesquisadores é a tentativa de se compreender como os aprendizes de uma língua variam sua aquisição de segunda língua correlacionada com diferenças individuais e, a partir daí, elaborar taxonomias das características individuais, como diagnosticá-las, fomentá-las ou preveni-las individualmente na instrução formal (ARAGÃO, 2011, p.168).

Na visão de Aragão, o foco permanece apenas no lado negativo dessas características, e o campo das emoções, no ensino de línguas, continua com uma má reputação para os pesquisadores. Além disso, ele reafirma a importância de rever essa questão e reconsiderar o que se entende da influência das emoções no aprendizado:

[...] Há uma tendência no campo da dimensão afetiva na aquisição de segunda língua em se focar apenas os aspectos negativos deixando de lado outros fatores e outros aspectos emocionais que influenciam o ensino/aprendizagem de línguas (ARAGÃO, 2011, p. 168).

O autor ressalta ainda como essas pesquisas focam muito no individual, ou seja, enxergam o indivíduo como um ser que existe por conta própria, uma vez que suas questões emocionais são vistas como desconexas do meio social onde vive, o que pode vir a trazer uma visão limitada e, por vezes, errada de como as emoções do aluno

ocorrem dentro do seu aprendizado: “[...] falamos como se tudo ocorresse em um corpo/mente individual, dificultando a compreensão da dinâmica processual do fenômeno, suas consequências e implicações” (ARAGÃO, 2011, p. 169).

Com essa exclusão, não são consideradas as formas como as emoções do aluno são influenciadas pelo ambiente e como isso pode afetar seu aprendizado. O meio social existente na sala de aula está cercado por situações que exigirão uma resposta emocional do aluno, por isso, quando se exclui o social, se exclui a possibilidade de conhecer e entender essas alterações.

Aragão (2011) usa a ansiedade para exemplificar esse tipo de situação, mencionando a forma que ela é enxergada, como algo inerente e individual do aluno, que varia juntamente de seus níveis de estresse. E, assim como a motivação, a ansiedade tem sido investigada como um estado interno que afeta os alunos individualmente. Para Miccoli (1997, *apud* ARAGÃO, 2011, p.170), a ansiedade está relacionada com a dimensão da sala de aula na qual há uma constante comparação entre os alunos.

Para esse sentimento, a solução encontrada é de criar um ambiente agradável para que o aluno se sinta calmo, porém, Aragão (2011), ressalta que a ansiedade é algo social, vinda da comparação que o aluno cria entre si e os demais estudantes, podendo se sentir menos capaz que os colegas, ou pensar que sua forma de aprendizado é errada, inadequada. Desse modo, essa visão individualista das emoções do aluno pode acabar levando a soluções ineficientes para essa dificuldade enfrentada pelo estudante. Como disse Aragão (2011, p.171):

Isso implica compreender que o ensino de uma língua tem a ver, acima de tudo, com a transformação convivência, que é um estar junto com outros seres humanos com os quais trazemos à mão mundos na linguagem, em um contínuo tornar-se humanos, entrelaçando emoção com razão à medida que convivemos e configuramos nossos domínios operacionais mais cotidianos.

Ao trazer essa ideia, o autor está explicando como o aprendizado de línguas está envolto por um ambiente complexo, formado por interações dos alunos com o professor e dos alunos entre si. Isso ocorre porque, nele, o aluno cria expectativas sobre sua

atuação em relação a si mesmo, às suas próprias capacidades, aos demais colegas e ao o que o professor pensa dele e de seu ritmo de aprendizado.

Com isso, cria-se uma pressão social dentro da mente do estudante, na qual ele tenta alcançar o nível de aprendizado que acredita ser ideal e, caso não consiga aprender no ritmo visto como o necessário para o sucesso na aquisição da língua, ele se frustra e fica ansioso com o que os demais pensarão dele. Disso, surge a importância de mediar esse ambiente e procurar entender como o aluno é afetado por ele e qual o papel que suas emoções terão dentro desse processo.

3.2 As crenças no ensino-aprendizado de línguas e sua importância para a educação

Uma teoria necessária para que se possa compreender a importância das emoções e vivências do aluno, no processo de ensino-aprendizagem, são as crenças sobre a aprendizagem, pois, como classifica Barcelos (2004, p.127), as crenças são “essa preocupação, que continua ainda hoje, em desvendar o mundo do aprendiz, isto é, seus anseios, preocupações, necessidades, expectativas, interesses, estilos de aprendizagem, estratégias e, obviamente, suas crenças ou seu conhecimento sobre o processo de aprender línguas [...]”.

Dentro das crenças, procura-se entender tudo o que está por trás do processo de ensino, na perspectiva do estudante. Sua visão de mundo, seu histórico de vida, seus medos, seus interesses, suas dificuldades, etc. Pois tudo isso molda a forma como o aluno aprende, facilitando ou dificultando o processo para ele, valorizando ou desvalorizando determinada abordagem, dependendo de como ele reagirá a ela. Sendo assim, para que o professor possa realmente entender seus alunos e promover seu crescimento educacional, ele precisa estar consciente de suas crenças. Como disse Breen (1985), “nenhuma instituição ou relacionamento humano pode ser adequadamente entendido, a menos que consideremos as suas expectativas, valores e crenças” (p.136, *apud* BARCELOS, 2004, p.125-126).

Os pesquisadores da linguística perceberam como essas condições afetam e guiam o aprendizado do aluno, portanto, ignorá-las seria como ignorar o próprio aluno,

já que todo o ensino precisa ser voltado para ele, pois “nesse processo, o aprendiz ocupa um lugar especial” (BARCELOS, 2004, p.125). O aluno é o foco do aprendizado, sem ele não é possível que esse processo ocorra.

Barcelos (2004) mostra como o tema das crenças se prova relevante dentro do Brasil, sendo um tema que tem sido gradativamente explorado por pesquisadores brasileiros com o passar dos anos. Com isso, é visível o interesse da academia por essa área de pesquisa, o que mostra que os pesquisadores reconhecem a importância de priorizar o aluno dentro da aprendizagem: “Além disso, desde 1995, o número de dissertações e teses a esse respeito têm crescido bastante (cf. BARCELOS, 1995; FÉLIX, 1999; GIMENEZ, 1994; SILVA, 2000; SILVA, 2001). Isso mostra, mais uma vez, a importância desse conceito no Brasil e o crescente interesse por ele” (BARCELOS, 2004, p.124).

Barcelos (2004) ainda traz um aprofundamento sobre o conceito de crenças, expandindo-o com suas definições em áreas como a filosofia e a sociologia. A seguir, trago duas das definições apresentadas por ela, de Peirce (1877/1958) e Dewey (1993).

Na definição de Peirce (1877/1958, p.91, *apud* BARCELOS, 2004, p.129): "ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar". Nessas palavras, pode-se entender crenças como algo cultural do ser humano, que se forma através do seu contato com a sociedade ao seu redor e seus costumes, algo que está próximo do conceito apresentado por Barcelos (2004), em sua obra. Já na definição de Dewey (1933):

[Crenças] cobrem todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo, dando-nos confiança suficiente para agirmos, bem como os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro” (p. 6, tradução de Silva, 2000, p. 20, *apud* BARCELOS, 2004, p.129).

Sobre isso, Barcelos (2004) lembra que as crenças não estão estáticas, mas interagem constantemente com as vivências e os conhecimentos que o aluno possui, antes do processo de aprendizagem, ou durante ele.

Diante das diferentes definições de crenças que foram apresentadas, segundo Barcelos (2004), é possível notar como as crenças abrangem diferentes aspectos do aprendizado de línguas e o que o aluno sabe sobre eles:

Todas as definições enfatizam que as crenças se referem à natureza da linguagem e ao ensino/aprendizagem de línguas. Em outras palavras, parece haver um consenso que crenças sobre aprendizagem de línguas, obviamente, são crenças a respeito do que é linguagem, do que é aprendizagem de línguas e sobre aspectos pertinentes à linguagem e à aprendizagem, ou toda tarefa de aprender [...] (BARCELOS, 2004, p.132).

Primeiro, o lado cognitivo, correspondendo ao conhecimento que o aluno possui sobre o aprendizado de línguas, o que ele imagina do processo e dos métodos e da própria língua em si. Como também a maneira que ele próprio deve agir para aprender uma segunda língua, suas expectativas sobre si mesmo e suas capacidades.

Em segundo, há os aspectos sociais e culturais que cercam o aluno durante todo o processo:

As outras definições enfatizam mais o aspecto cultural e a natureza social de crenças, colocando-as como ferramentas que ajudam os alunos a interpretar suas experiências. Assim, as crenças não são somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca (BARCELOS, 2004, p.132).

São essas questões culturais e sociais que moldarão a visão do aluno sobre o processo, como ele absorve e interpreta o aprendizado baseado em suas experiências anteriores com línguas estrangeiras e com o ensino de línguas, o que ele sabe sobre ambos. Além de dar uma ideia de quais dificuldades ele enfrentará durante sua jornada de estudante, baseado em como ele está apto a lidar com o ambiente de acordo com suas experiências passadas e sua interação com os valores presentes em uma sala de aula.

Dentro da pesquisa sobre crenças, porém, existem percepções erradas sobre as crenças dos alunos, o que causa uma imagem distorcida de como trabalhar com elas. Barcelos (2004, p.134) menciona a “caracterização do aprendiz como inadequado em aprender, cujas crenças são descritas, na maioria das vezes, como “errôneas”. A autora

critica a forma como os pesquisadores assumem as crenças dos alunos como erradas e as descartam por desviarem do que eles próprios consideram como o correto para o aprendizado. “Apesar do foco ser as perspectivas dos aprendizes, os mesmos são criticados por possuírem determinadas crenças” (BARCELOS, 2004, p.134). Sobre essa visão presente nas investigações, Barcelos (2004, p.134) explica: “Nesse primeiro momento, temos o aluno de um lado e suas crenças de outro, pois é isso que esse tipo de investigação faz – distancia o aprendiz (ideal) do aluno (real) porque investiga suas crenças de maneira abstrata.”

Nesse ponto, a autora chama atenção para como é errado tentar classificar a capacidade de um aluno pela qualidade de suas crenças ou por quão próximas elas estão da realidade, e tentar separar os dois com a intenção de encontrar um “aluno ideal” que não seja afetado por condições externas. As crenças fazem parte do aluno e, conseqüentemente, fazem parte da sua aprendizagem. Tudo o que o aluno aprende, e como aprende, é baseado em suas crenças, em como elas moldam seu contato com o conteúdo apresentado a ele, como ele aprende uma nova língua. É impossível entender um aluno separando-o de suas crenças, elas são intrínsecas à ele, à sua cognição ao ambiente onde ele está se desenvolvendo.

Em um segundo momento da investigação sobre as crenças, Barcelos (2004) aponta outro problema:

Nesse segundo momento, fica muito mais patente a aproximação da pesquisa de crenças com a pesquisa sobre estratégias de aprendizagem. Há uma sugestão implícita de que crenças errôneas levam a estratégias também ineficazes e vice-versa. (BARCELOS, 2004, p. 136).

Barcelos (2004) mostra que é problemático enxergar as crenças dos estudantes através de um filtro de qualidade, isso pois, as faz parecer obstáculos na aprendizagem do aluno, já que acreditava-se que crenças erradas gerariam estratégias de ensino erradas. Desse ponto, é questionada toda a qualidade do ensino em si.

Sabendo disso, Barcelos (2004) relembra que as crenças são uma parte intrínseca da vivência dos alunos, que não pode ser desconsiderada ou tratada como um empecilho ao seu conhecimento, já que são justamente as crenças que o aluno carrega consigo que guiarão e motivarão o seu aprendizado:

Percebe-se, assim, uma preocupação nesses estudos com uma noção prescritiva de crenças, de quais são erradas e quais são corretas e quais constituem-se em obstáculos à autonomia. Entretanto, [...] as crenças não são obstáculos, mas as maneiras únicas que os alunos têm de mostrar que são seres que pensam e que interagem com seu ambiente (BARCELOS, 2004, p.136-137).

Nesse trecho, Barcelos (2004) lembra que as crenças do aluno são uma parte fundamental da sua autonomia, pois é através delas que o aluno formula opiniões sobre diferentes assuntos e situações. Por isso, tentar excluir as crenças consideradas erradas, seria equivalente a diminuir essa liberdade de pensamento e expressão do estudante, para entregar todas as respostas prontas, sem dar o espaço para que ele desenvolva sua capacidade de resolução de problemas através de erros e acertos. Sobre o terceiro momento da pesquisa, Barcelos (2004) afirma:

Os estudos anteriores eram incompletos porque investigavam somente afirmações e não as aliava com ações, através da observação de comportamento. Pesquisas mais recentes já incorporam fatores como contexto, identidade, metáforas e o uso de diferentes teorias sócio histórico culturais. (BARCELOS, 2004, p.137).

Os estudiosos perceberam a importância do contexto para a compreensão das crenças, já que elas estão entrelaçadas com as ações dos alunos e com seu comportamento diante das situações em sala de aula. É inviável buscar entender o porquê de um aluno agir de certa maneira, guiado por suas crenças, sem analisar suas ações conjuntamente e ficar preso somente a afirmações solitárias. Como Barcelos (2004, p.135) diz: “A relação entre crenças e ações não é tão simples assim. Lidamos com seres humanos que são complexos por natureza. Ações e crenças são constituídas de maneira dinâmica e interativa [...]”

O contexto citado “não se refere a um conceito estático, um recipiente para interação social, mas a um conceito dinâmico, constituído socialmente, e sustentado interativamente” (GOODWIND & DURANTI, 1992, p. 5-6, *apud* BARCELOS, 2004, 137). “As crenças não são estáticas, elas fazem parte de uma rede de diferentes contextos que se interligam durante a interação social”. (Barcelos, 2004, p.137). Não é interessante estabelecer uma imagem imóvel, pré-concebida, de como uma crença é,

sem considerar como elas acompanham o seu contexto de ocorrência, sendo influenciadas e moldadas pelos diferentes aspectos do ambiente. Ao considerarmos o contexto, podemos compreender as motivações por trás das crenças, o que os alunos esperam alcançar com o aprendizado, como isso acontecerá e de que forma suas crenças moverão suas interações dentro do processo de aprendizado. Como disse Barcelos (2004, p.138): “Assim, neste terceiro momento, crenças passam a ser vistas e, mais do que nunca, reconhecidas como condicionadas situacionalmente [...] e relacionais em resposta ao contexto [...].”

Para exemplificar essa afirmação, Barcelos (2004) menciona a crença que muitos alunos possuem de que somente os professores são responsáveis por sua aprendizagem, ou seja, o aluno se vê apenas como um membro passivo do processo de ensino aprendizagem que não possui papel transformador. Porém, antes de julgar essa crença como uma ideia errada que atrapalha a autonomia do aluno em sala de aula, é preciso compreender o ambiente em que ela se desenvolveu. “Sem o entendimento desse contexto, é estranho julgar os alunos como inadequados em aprender. Eles podem estar simplesmente expressando o que realmente acontece em sala de aula” (BARCELOS, 2004, p.138).

Isso pode acontecer pelo fato de que, em muitos casos, o professor não dá o espaço necessário para que o aluno se desenvolva por conta própria, controlando toda a situação em sala de aula, sem permitir que o aluno erre e acerte por conta própria. Como Brenn (1998 *apud* BARCELOS, 2004, p.138) explicou:

Através do controle das práticas discursivas das aulas, através do uso de perguntas, explicações, instruções de procedimento, e crucialmente, de sua avaliação da linguagem produzida pelos alunos imediatamente após sua articulação, os professores constroem os alunos primariamente como participantes responsivos e passivos no discurso de sala de aula.

Nas palavras de Brenn (1998), há uma crítica ao professor que entrega todas as informações para o aluno, sem permitir que ele explore e descubra por conta própria. É necessário que os estudantes tenham autonomia ao aprender uma nova língua, para que possam experimentar à vontade, errar e acertar. O professor é apenas um guia durante esse processo, ele introduz e auxilia o aluno dentro do ensino-aprendizado, mas não pode dar todas as respostas antes que o aluno reflita e descubra sozinho.

Quando isso acontece, o aluno fica mais propenso a esperar pela ajuda do professor em todos os momentos do processo, sem desenvolver sua autonomia para aprender por conta própria.

Com o auxílio das ideias de outros pesquisadores, Barcelos (2004) atenta, também, para a necessidade de que os professores entendam a natureza das crenças de seus alunos, sem tentar fazer julgamentos sobre a qualidade delas para o aprendizado deles. É preciso entender as formas como eles estão usando suas crenças dentro da dinâmica da sala de aula:

Nas palavras de Benson & Lor, “[...] o valor da pesquisa sobre crenças dos aprendizes pode estar não tanto em entender os atributos facilitadores ou não das crenças, mas na compreensão das maneiras através das quais os aprendizes usam suas crenças” (Benson & Lor, 1999, p. 470, *apud* BARCELOS, 2004, p.143).

Ao entender as crenças dos alunos, os professores podem se aproximar do histórico de vida deles, sua condição socioeconômica, suas necessidades, seu relacionamento com o ambiente, como eles o modificam e são modificados por ele, ou seja, seu papel transformador que surge quando eles desenvolvem sua autonomia enquanto estudantes.

Com essa informação, os professores podem promover interações com os alunos que ressoarão mais com as maneiras que eles aprendem, o que eles esperam do ensino e como essas expectativas se alteram durante sua convivência dentro do processo de ensino-aprendizagem. Como disse Woods (1996): “[...] o que interessa não é julgar se as crenças devem ser chamadas crenças ou conhecimento, mas como elas são usadas no processo de decisão dos professores” (p. 199, *apud* BARCELOS, 2004, p.144).

Outro ponto importante a ser considerado é o fato de que não é possível saber como o aluno reagirá ao processo de aprendizagem baseado em uma imagem estática de suas crenças. Como foi dito anteriormente, as crenças não podem ser retiradas do contexto, é preciso analisar como elas se moldam, constantemente, dentro dele. Além de que, existem fatores exteriores com os quais o aluno realizará interações, fazendo suas crenças serem expostas a diferentes situações e conflitos. “As crenças são dinâmicas, sociais, [...] elas não só influenciam o comportamento, mas são também

influenciadas nesse processo [...] (Woods, 1996, p. 199, *apud* BARCELOS, 2004, p.144).

Por isso, o professor não poderá prever como o aluno reagirá em cada situação, pois:

[...] existem outros fatores que podem interferir no processo. Assim, outros pesquisadores afirmam que as crenças e ações nem sempre irão coincidir. [...] Vários estudos já sugeriram que os alunos nem sempre agem da maneira que eles consideram mais eficiente, e as razões para isso se devem a fatores de personalidade, estilo de aprendizagem, falta de motivação, vontade ou esforço, falta de acesso ou recursos e falta de tempo (BARCELOS, 2004, p.145).

Assim, vemos como há muitos fatores distintos que influenciam a vida do estudante, dentro e fora da sala de aula. Que vão desde sua personalidade, que pode ser mais ou menos proativa no aprendizado; a forma como ele aprende, podendo aderir mais a um método que a outro; ou aspectos mais pessoais, os quais envolvem sua situação econômica, se ele tem ou não recursos como internet e aparelhos tecnológicos (celulares e computadores), ou dinheiro para comprar livros didáticos e dicionários. Além de que se sua condição econômica requer que ele trabalhe ao mesmo tempo que estuda, isso pode diminuir consideravelmente a disponibilidade de tempo livre para os estudos. Por fim, a questão da motivação pode envolver seu ambiente familiar, se os pais ou responsáveis o ajudam e incentivam seu estudo, se ele tem um ambiente agradável em casa onde possa estudar com tranquilidade, etc.

Em certas circunstâncias, o que os aprendizes acreditam ser verdade sobre ensino e aprendizagem de línguas pode divergir das maneiras como eles preferem agir dentro de um determinado contexto. Essa é mais uma razão por que o estudo de crenças deve conter uma análise do contexto (BARCELOS, 2004, p.145).

Barcelos (2004) chama atenção para a importância de que os professores não busquem entender apenas as crenças dos alunos, mas também as suas próprias crenças sobre o próprio ensino. “É importante que eles questionem tudo sobre o mundo à sua volta para que desenvolvam seu pensamento crítico” (Barcelos, 2004, p.145). Dessa forma, eles não aceitarão cenários prontos, presos dentro de caixas,

sobre o ensino de línguas, e estarão com a mente aberta para todas as possibilidades existentes dentro desse processo. Assim, como a autora afirma sobre si mesma, enquanto professora:

Meu papel como professora, e como pesquisadora, não é julgar as crenças dos alunos só porque diferem das minhas ou do que os experts dizem. Meu papel é abrir a discussão sobre crenças em sala trazendo alternativas para os alunos e envolvendo-os na discussão de suas próprias crenças, num processo de reflexão, na tentativa de entender as crenças que nos cercam em nosso meio social, as consequências dessas crenças para nosso desenvolvimento como pessoas, como cidadãos, como professores e alunos (BARCELOS, 2004, p.146).

Para finalizar, Barcelos (2004) afirma como é necessário que estudos da teoria das crenças sejam incluídos na formação profissional de professores para que estes entendam sua importância e saibam como trabalhar com elas dentro da sala de aula.

3.3 A valorização das emoções dos alunos dentro da Pedagogia do Amor

Buscarei na área da pedagogia (pois em licenciatura compartilhamos ideias sobre o ensino) uma teoria que servirá de complemento para as duas principais apresentadas por Aragão e Barcelos. Trarei um pouco sobre a Pedagogia do Amor de Pestalozzi, pois ele também defendeu a valorização do bem-estar do aluno acima do conhecimento acadêmico, além de ter buscado compreender quem eram seus alunos, de onde eles viam e como isso afetava sua aprendizagem.

O pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi foi uma figura de grande importância para a reforma educacional de sua época e das que se seguiram. Ele defendia uma educação integral que trabalhasse a autonomia e a liberdade, e que não ficasse presa somente à aquisição de conhecimento, uma ideia que se provou muito recente para a época, permanecendo atual mesmo séculos após a morte de Pestalozzi.

Para conhecer a teoria de Pestalozzi, é preciso entender, também, sua história de vida, pois ele viveu tudo aquilo que pregava. Ele foi um homem que se entregou completamente aos seus ideais, deixando para trás sua condição social e status para viver em meio aos camponeses, que compunham uma parcela mais pobre da

população. Pestalozzi se afastou dos centros urbanos e adquiriu a fazenda Neuhof, onde acomodou várias crianças camponesas para ensiná-las e, naquele lugar, ele buscou fazer uso da educação já com um propósito transformador. Sua ideia era de instruir através da disciplina e do amor, criando uma escola “autossustentável”, na qual as crianças participariam do trabalho industrial com o algodão para gerar o próprio sustento da escola, todos trabalhavam para o bem comum. Dessa forma, as crianças poderiam desenvolver suas habilidades e individualidades, enquanto também trabalhavam a obrigação e o esforço comunitário. O intuito era promover o conforto financeiro necessário para que os alunos ficassem livres para desenvolver sua própria autonomia. Nas palavras de Michel Soëtard (2010, p.13): “Pestalozzi se converteu em um pobre entre os pobres e se ocupou de fazê-los descobrir em sua própria condição os instrumentos de sua libertação [...]”

Porém, as exigências geradas pela rentabilidade ofuscam a parte educativa do projeto, fazendo com que as crianças e seus pais ignorem a parte da liberdade. Com isso, Pestalozzi percebeu que era impossível unir as duas coisas, o que culminou no fracasso de Neuhof junto às dificuldades financeiras que começaram a surgir. Segundo Soëtard (2010, p.15):

Pestalozzi se acha então em uma posição institucional insustentável: o que sinceramente ele quer dar a cada criança são os instrumentos de sua autonomia e se vê constantemente forçado a impor a essas mesmas crianças as exigências da rentabilidade, e seu discurso filantrópico, que move todos os meios da moral e da religião, finalmente se percebe como uma insuportável chantagem em garantia da produtividade.

Por mais que o método utilizado não tenha funcionado, é possível ver um esboço das ideias de Pestalozzi sobre liberdade, autonomia e amor. Apesar de o fracasso de Neuhof ter sido proporcionado, também, por influências externas, Pestalozzi assumiu total responsabilidade e se comprometeu em encontrar um método mais eficiente.

Seguindo os ideais de autonomia testados no experimento de Neuhof, após uma nova maturação de seu pensamento, Pestalozzi afirma que a educação não pode ser uma mera ferramenta de um mundo pré-concebido, que não faz nada senão tratar os alunos como produtos idênticos que devem aprender e agir da mesma forma, para

servirem a um mesmo propósito de impor e controlar os alunos, forçando-os a existir dentro de um mesmo padrão:

Pestalozzi se nega a que ela (a **educação**) funcione como um mero instrumento de modelagem a serviço de um mundo dado seja real ou ideal: ela será uma forma de ação que permita a cada um fazer-se a si mesmo, a partir do que ele é e no sentido do que deseja ser, “uma obra de si mesmo” (SOËTARD, 2010, p.18, grifos nossos).

Pestalozzi defende que a educação deve servir como um acessório, a escola deve apenas entregar os meios para que os alunos possam formar a si mesmos, da maneira como querem ser. Assim, entende-se que ele já nutria o ideal de uma escola que existe para o aluno, respeitando suas particularidades e incentivando sua autonomia dentro do mundo, uma educação que não impõe, que não prende os alunos a uma corrente de um modo de pensar único, dito como correto, mas que serve como intermediária para que as crianças possam encontrar sua própria liberdade.

O autor ainda passa a compreender qual havia sido seu grande erro em Neuuhof, de tentar unificar o pensamento racional econômico com a filosofia da liberdade do homem. Sendo assim, ele entende que a educação precisa aprender a separar e gerenciar ambos os lados da formação ao seu próprio modo, entregando a cada um seu espaço de crescimento, permitindo a capacitação para o ofício, o que dá o conforto monetário necessário dentro da sociedade, entregando a liberdade para a construção de sua própria identidade. “Pestalozzi já não será nem o duro empresário nem o bom pai do povo, mas um educador, situando-se à distância às vezes das exigências sociais como do desejo dos interessados [...]” (SOËTARD, P.18). Além disso, ele percebe que é necessário manter uma certa distância, a escola não pode ser toda a vida do aluno, mas apenas uma parte dela, que garante seu crescimento sem interferir exacerbadamente, é preciso abrir espaço para que o aluno se desenvolva sozinho, busque suas próprias respostas.

O pedagogo também compreendia como a escola estaria entrando no seio familiar, participando, junto dos pais, do processo de educação da criança, além do crescimento dessa função quando os pais já não possuem mais tanto tempo para

instruir seus filhos devido às exigências da sociedade que se modernizava. Segundo Soëtard (2010, p.20):

O ideal seria, por conseguinte que os pais se tornassem educadores em iguais condições dos artesãos do bem comum; mas sendo o que é a evolução da célula familiar, a escola como lugar da educação deverá desempenhar uma função cada vez mais importante na sociedade civilizada.

Ao mesmo tempo que Pestalozzi defendesse a importância da proximidade emotiva e o cuidado de cuidar das crianças da maneira como seus pais o fariam, ele entendia que o educador ainda precisa manter uma distância necessária dos alunos durante seu processo educativo, pois, segundo Pestalozzi, as crianças já possuíam dentro de si o material necessário para se desenvolverem por conta própria, elas estão naturalmente inclinadas a buscar o conhecimento, a entender o mundo que as cerca e entender a si mesmas. Por isso, o educador não precisa entregar todas as respostas nas mãos da criança e controlar o seu saber, ela já carrega consigo essa autonomia, o papel do educador deve limitar-se ao de um guia, alguém que norteia os alunos em sua jornada de autodescobrimento. Como afirmou Soëtard (2010, p.21): “[...] Pestalozzi se aproxima à natureza infantil no que tem de específico, a saber: seu poder de constituir-se de maneira autônoma.”

Com esse amadurecimento de pensamento, o pedagogo conseguiu desenvolver um método próprio, algo que mudou a forma como se movia o ensino. Esse método, entretanto, não possuía truques ou algum material a ser usado que permitiria um ensino inequívoco pois, como disse Soëtard (2010, p.22): “o visitante do castelo de Yverdon buscará em vão esses ‘truques pedagógicos’ que poderiam aplicar em sua prática”. O método de Pestalozzi se definia através da tentativa e erro, da observação da criança em seu processo de aprendizado, para que fosse possível compreender como trabalhar suas habilidades e como aprimorar o conhecimento que ela já possui. É buscar novas maneiras de ensinar, perceber o que funcionou e o que pode funcionar. O método de Pestalozzi não é um guia físico que pode ser lido e copiado, é o próprio ato de ensinar, pois ele acreditava que o método deveria ser apenas um instrumento na mão do pedagogo, por meio do qual ele trabalha o conhecimento que possui e explora novas possibilidades de ensino. Pestalozzi já colocava a criança como o centro do ensino,

portanto pode-se definir esse método como um método metamorfo, que se molda de acordo com as habilidades manuais, sociais e acadêmicas dela, que enxerga sua realidade e trabalha em volta disso, favorecendo o desenvolvimento autônomo do aluno. Segundo Soëtard (2010, p.23):

Importa observar a natureza infantil, para extrair as leis próprias de seu desenvolvimento, para criar meios favoráveis para esse desenvolvimento, levar em conta explicitamente a dimensão social da relação educativa, dar eficácia à capacidade da ação da criança.

Para que o educador seja capaz de trabalhar as habilidades da criança dessa forma, ele precisa se arriscar, experimentar e errar. Não há porque ter medo do erro, Pestalozzi incentiva que se erre até acertar. É importante reconhecer o erro, assim como ele o fez com Neuhof, e aprender com ele. Descartar o que não funcionou e tentar novamente até encontrar o sucesso. Pois, quando amamos o que fazemos, não nos contentamos com fazer de qualquer jeito, é preciso se entregar ao trabalho pedagógico para produzir resultados positivos para nós e, principalmente, para os alunos, que serão os receptores de todo o investimento espiritual e sentimental que colocamos no ensino. Como vemos em Soëtard (2010, p.24):

Examinem tudo – disse Pestalozzi em 1826 – mantenham o que é bom e se algo melhor ir amadurecer em suas próprias mentes, acrescentem verdade e amor a isso, assim como tento passar com verdade e amor, o que falo nessas páginas.

Pestalozzi divide o método em três partes, a cabeça, o coração e a mão. A cabeça seria a parte lógica, tudo que o homem adquire com suas experiências e o que ele consegue absorver de tudo e transformar em ideias. O coração seria seu lado sentimental, as emoções que o guiam em sua jornada pedagógica, a sensibilidade necessária para trabalhar com a parte lógica sem torna-la mecânica. A mão seria o que ele consegue produzir com a junção das partes anteriores, a obra de sua vida, em que ele aplica seu conhecimento e suas emoções. Pestalozzi afirma, também, que essas partes não devem ser trabalhadas separadamente, mas de uma maneira unificada, todo educador precisa utilizar das três nas atividades que realiza com as crianças. Ensinar o ofício, por exemplo, enquanto mostra sua aplicação na realidade da criança e como ela

pode mudar o mundo ao seu redor com essa nova habilidade ou ensinar os números e apresentar quais aplicações práticas a criança pode fazer com eles, de que maneira eles incrementam em sua vida. Porém, sempre acontecerá de uma das partes se sobrepor às outras: “Pestalozzi não para de repetir que se trata de um equilíbrio que nunca se adquire definitivamente e que pode ser quebrado em qualquer momento para alimentar uma das três ‘bestialidades’ da cabeça, do coração e da mão” (SOËTARD, 2010, p.26). Isso não torna o método falho, mas possível. Pestalozzi entendeu como os extremos e a utopia não funcionam na prática, mas encontrou meios de coletar um pouco dessa educação ideal e trazê-la para o mundo real de uma maneira aplicável.

Nas teorias de ensino de Pestalozzi, o foco principal sempre foram as crianças, sua alegria e seu bem-estar. O pedagogo amava as crianças profundamente, pois acreditava que o verdadeiro ensino não está no medo, no temor, mas na felicidade delas. Dos sentimentos positivos, implantados nos alunos pelo seu método de ensino, que saíam os resultados desejados. Era preciso que as crianças se sentissem à vontade consigo mesmas e com o ambiente de ensino para que elas despertassem seu potencial inato de aprendizagem.

O amor de Pestalozzi foi tão profundo a ponto de ele abrir mão de sua riqueza e posição social elevada para viver em meio às crianças pobres, dedicando toda sua fortuna a seu projeto de ensino.

Pestalozzi passou toda sua vida no meio de crianças pobres e deserdadas que pretendia arrancar de sua infelicidade. Os livros que nos deixou são sempre inspirados em sua longa experiência. Sempre amou as crianças; a felicidade delas era a felicidade dele. Acreditava na inocência e na bondade da natureza humana (SOËTARD, 2010, p.31).

Para a Pedagogia do Amor, a criança e seus sentimentos estão acima do conhecimento científico. Por esse motivo, o método pestalozziano desviava dos métodos de ensino mais conhecidos da época, que focavam mais no lado intelectual e esqueciam a parte emocional do processo de ensino-aprendizagem. Como vemos explicado em Soëtard (2010, p. 35):

Desta forma, o conhecimento científico passa a ter menos valor do que a afetividade e os sentimentos. Pestalozzi considerava a educação como um

processo que devia seguir a natureza, a liberdade, a bondade inata do ser humano, unindo mente, coração e mãos.

A importância do amor dentro da teoria pestalozziana pode ser entendida quando ele compara a relação entre professor e aluno à de uma mãe com seu filho. A tarefa do professor em sala de aula, como afirma Arce (2002, p.218) “apresenta-se cada vez menos como uma tarefa intelectual e cada vez mais próxima da maternidade mistificada” (*apud* SOËTARD, 2010, p.35). Ou seja, para Pestalozzi é preciso que haja tanto amor e afeto na relação professor-aluno, quanto vemos em uma relação fraternal de uma mãe que instrui seu filho sobre a vida.

Em cartas direcionadas a amigos, Pestalozzi expressa mais dessa visão de que, através dos sentimentos positivos gerados pela amorosidade de uma educação que se baseia no amor de uma mãe, era possível desenvolver a individualidade, a moralidade e a religiosidade da criança, algo também influenciado por sua formação e crença religiosa e que ele considerava essenciais para a formação integral da criança. Em outra carta, Pestalozzi afirma que é através do afeto que se consegue educar uma criança e não do medo.

Os sentimentos de fé, de amor, de obediência que surgem na criança através da mãe amorosa, são as formas elementares de onde deverá desenvolver a consciência ética e religiosa. De mão em mão que estendem aos outros homens e a Deus, criando, no fundo da raiz da individualidade sensível, a personalidade espiritual (SOËTARD, 2010, p. 43).

Nas palavras de Pestalozzi em sua primeira carta, a qual foi traduzida e transcrita na obra de Michel Soëtard, ele afirma:

Elas queriam, podiam e perseveravam, conseguiam e sorriam contentes. O estado de ânimo delas não era aquele de quem estuda, mas de quem sente que está desenvolvendo em si as forças vivas ignoradas e o sentimento que eleva o espírito e o coração nos quais se toma conhecimento de suas próprias forças (*apud* SOËTARD, 2010, p. 54).

Nesse trecho da carta, Pestalozzi demonstra sua empolgação com o sucesso de seu método de ensino e, principalmente, com a alegria das crianças ao conseguirem realizar as atividades e se envolverem com os demais colegas. Ele valoriza a alegria e

o ânimo delas com o ensino, e mostra como a valorização dos sentimentos dos alunos mostra resultados positivos, já que, através da exaltação de seus espíritos, elas ficam mais animadas, descobrem sua própria capacidade e conseguem superar as dificuldades e aprender os conteúdos, sem sentir que aquilo é uma obrigação ou chateação.

Com isso, fica visível que na Pedagogia do Amor, como o próprio nome da teoria indica, há um foco maior nas emoções do aluno. É observado como ele interage com o professor, com o conteúdo e com seus métodos de ensino. Pestalozzi, porém, prezava pela harmonia da emoção com a disciplina, como ficou provado em seu experimento de Neuhof, no qual ele tentou trabalhar a disciplina dos alunos através do trabalho no campo. Também estando presente em sua teoria que separa as habilidades dos alunos a serem desenvolvidas em cabeça, mão e coração, respectivamente o intelecto, o físico e o afeto.

[O homem] também é alimentado no seio da natureza e encontra, descansando em seu regaço, todas suas alegrias; mas ele depende também muito da dura necessidade, e, por isto também a obediência à verdade e ao direito, a obediência às causas não fatais por si de sua existência é em sua origem necessidade física de sua situação, fácil dever em sua realização e fonte de suas alegrias em seus efeitos (PESTALOZZI, *apud* SOËTARD, 2010, p.88, grifo nosso).

Pestalozzi possui um grande respeito à natureza e sua importância para o ser humano, pois, por mais que o ser humano tente afastar-se dela, continua sendo prisioneiro de suas próprias necessidades vitais. Portanto, essas limitações físicas naturais da existência humana mostram como o ser humano tem uma obediência natural a algo maior que ele, algo que ele não pode renegar ou ignorar. Isso reflete na teoria de ensino de Pestalozzi, ao mostrar como é preciso estimular a parte sensível dos alunos, mas, ao mesmo tempo, eles precisam conhecer limites e saber obedecer à figura que o está guiando durante o processo de aprendizagem, o professor.

Ensinar com amor não significa que tudo será facilitado para os alunos e todas suas vontades, não necessidades, serão atendidas. Pestalozzi acreditava que o professor não deve impor nada em sala de aula, sua função é apenas guiar o aluno enquanto ele próprio descobre e interpreta o mundo ao seu redor. Valorizar os

sentimentos do aluno é valorizar sua autonomia e sua capacidade de pensar por si só, respeitar suas opiniões e conclusões. O aluno precisa estar no centro do ensino, o que ele pensar e sentir durante o processo é importante para que haja progresso no ensino-aprendizagem.

Nesse ponto se encerra o capítulo teórico deste trabalho. Partimos agora para o capítulo de análise, no qual foram feitas as interpretações e discussões a respeito do *corpus*, utilizando-se dos conceitos aprendidos para formular uma análise precisa e bem desenvolvida.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Neste capítulo foi realizada a análise do corpus, com o apoio das ideias apresentadas no capítulo teórico. Primeiro é feito um resumo da história para situar o leitor que não seja familiar com ela. Depois ocorre a descrição detalhada dos acontecimentos mais cruciais para a análise, nos quais são apresentadas as interações que o protagonista realiza ao longo do dia e todos os problemas que as envolvem, provocando reflexões sobre a importância do amor dentro do ensino-aprendizado de línguas.

4.1 O mangá e o ensino de línguas

Partimos agora para a parte da análise, gostaria de iniciar dando uma explicação mais detalhada sobre a história e suas personagens. Em seguida, poderemos partir para os motivos que chamaram a minha atenção para essa história em específico e qual sua relevância para uma pesquisa baseada no ensino de línguas.

O mangá Yu Yu Hakusho é protagonizado por um jovem garoto de 14 anos, Yusuke Urameshi. E, logo na primeira página da história, o leitor é surpreendido pelo fato chocante de que o protagonista está morto. Veja as figuras 1 e 2. Yusuke acaba sendo vítima de um acidente após salvar a vida de uma criança que brincava na rua e corria o risco de ser atropelada, caso o protagonista não a tivesse socorrido. Isso, porém, não marca o fim definitivo da vida do protagonista, mas um recomeço, logo mais explicaremos o porquê.

Figura 1 - Apresentando o protagonista



Fonte: Togashi (2014, p. 5)

Figura 2 - A morte de Yusuke



Fonte: Togashi (2014, p. 6)

Após ser informado desse trágico acontecimento, o leitor acompanha o fantasma do jovem Yusuke, que ainda está tentando entender a situação. Para isso, o

protagonista começa a recordar os acontecimentos do dia até o momento do acidente. Assim, podemos ver um pouco da sua vida escolar e pessoal, acompanhando sua relação com professores e colegas, além de sua relação familiar, com sua mãe. Sendo possível, também, ver como a comunidade local enxerga Yusuke.

Na escola, é mostrado que Urameshi falta às aulas, fuma e tem fama de arrumar brigas, por isso, dentro do ambiente escolar, Yusuke é visto como um delinquente e é tratado como tal por outros alunos e pelos professores. Enquanto seus colegas têm medo dele, um dos professores, chamado Iwamoto, o trata de maneira raivosa, usando palavras agressivas que atacam sua integridade, afirmando que ele não possui valor algum e que o expulsará da escola. O professor chega a acusar Yusuke de malfeitos, como roubar e ameaçar os colegas, mesmo sem qualquer prova daquilo, porém ele já tem a predisposição de relacionar o jovem protagonista apenas a coisas ruins.

Entretanto, outro professor, chamado Takenaka, tenta fazer uma aproximação mais amigável com Yusuke, propondo uma conversa para entender o que está acontecendo com ele e pedindo que ele volte a frequentar a escola e não falte mais às aulas. Porém, o protagonista rejeita essa aproximação e sai da escola, voltando para casa.

Em casa, Yusuke encontra sua mãe, chamada Atsuko Urameshi, deitada assistindo TV e, possivelmente, estaria acordada há pouco tempo, indicando que ela dormiu durante a maior parte do dia. Os dois têm uma curta interação, através da qual, o leitor pode entender que ela é mãe solteira e a relação dela com Yusuke possui atritos, pois, após uma breve discussão, o protagonista sai de casa. No caminho, muitos comerciantes locais impedem a entrada de Yusuke nos estabelecimentos, pois ele já era conhecido por realizar pequenos furtos.

Quando está andando pela rua, Yusuke se encontra com uma turma de outros delinquentes de sua escola, liderada por outro aluno, Kuwabara Kazuma, e se envolve em uma briga física com eles. Após o fim da briga, o protagonista continua caminhando até que encontra uma criança brincando com uma bola perto da rua. Yusuke o alerta sobre como aquilo é perigoso, porém o garoto não dá atenção a seu conselho e continua brincando naquele local, até que, sua bola escapa e rola até o meio da rua. O garoto, chamado Masaru, vai buscar sua bola e um carro vem em sua direção, mas,

antes que a criança seja atingida, Yusuke corre e o tira do caminho, sendo atingido em seu lugar.

Havendo terminado de recordar os acontecimentos do dia, voltamos para o momento no qual a história havia iniciado, com o fantasma de Yusuke. Enquanto observa o seu próprio corpo no chão, o protagonista é cumprimentado por uma guia espiritual, chamada Botan, alguém responsável por guiar as almas para o outro plano.

Botan explica que a morte de Yusuke não era esperada pelo mundo espiritual, pois ninguém imaginava que ele salvaria Masaru, e que seria capaz de um ato tão altruísta, portanto, não havia lugar para ele nem no céu nem no inferno. Por esse motivo, Yusuke recebe a oportunidade de fazer um teste e ressuscitar. O protagonista, porém, rejeita, afirmando que ninguém sentiria falta dele e que todos viveriam melhor se ele não estivesse por perto.

A guia espiritual, Botan, se surpreende ao ouvir tal coisa, vindo de um garoto de “apenas 14 anos”, como ela mesma afirma, algo realmente preocupante. Então ela sugere que ele observe ao seu próprio velório e pense novamente, até dar a resposta definitiva a ela. Depois, no velório, Yusuke observa como as pessoas mais próximas a ele ficaram abaladas: sua mãe, alguns colegas de escola, um de seus professores e a mãe do garotinho que foi salvo por ele. Todos estavam abatidos, chorando e falando como sentiriam a falta dele.

Após perceber que existem pessoas que se importam com ele e que estão sofrendo com sua morte, Urameshi muda seu pensamento e decide fazer o teste para ressuscitar. Isso marca um recomeço, não somente de sua vida, mas de toda sua visão sobre seu valor enquanto ser-humano.

Agora que, temos uma ideia clara dos acontecimentos do primeiro capítulo, o objeto de análise da pesquisa, podemos começar a discutir o motivo que a fez se mostrar relevante para a discussão de crenças e emoções no ensino-aprendizagem de línguas, como mencionado anteriormente.

Dentro da história, pudemos observar o desenrolar da relação do protagonista com seus professores, a qual é cheia de conflitos, além dos aspectos de sua vida familiar íntima, com os próprios problemas que a cercam. Com isso, vemos como essas relações influenciam uma à outra, com os problemas na escola impactando o

comportamento social do protagonista, e os conflitos em casa afetando seu desempenho escolar. Formando-se, assim, um ciclo inesgotável de desentendimentos, dentro do qual Yusuke nunca encontra apoio ou empatia.

E quando professores e familiares não somente ignoram essas complicações, mas também contribuem com elas, não há oportunidade para que o protagonista repense seus atos e evolua enquanto estudante, cidadão e filho. Yusuke se depara com todos os seus potenciais espaços de conforto, compreensão e empatia fechados para ele, o que o leva a se fechar emocionalmente, rejeitando mesmo aproximações mais amigáveis de outros adultos, e a reagir com violência, vícios e rebeldia.

Nesse ponto, entram as ideias de Aragão (2011) sobre o ensino-aprendizado de línguas, pois, como ele explica, dentro do ensino de línguas, as emoções ficavam em segundo plano em relação à cognição, a qual era vista como a única parte essencial do aprendizado. Assim, as emoções dos alunos acabavam sendo descartadas e desvalorizadas dentro do ensino, o que o autor aponta como um problema, pois as emoções são fundamentais no processo de aquisição de uma nova língua. Se os professores não sabem lidar com o emocional do aluno e corresponder às necessidades emocionais, o aprendizado de uma nova língua acaba sendo estagnado.

E, dentro do mangá, Yusuke se mostra um ótimo exemplo de como fica o comportamento do aluno na escola, caso a afetividade não esteja presente no ensino. Nesse mangá, os sentimentos negativos apresentados por ele são invertidos apenas no final, quando Yusuke percebe que existem pessoas ao seu redor que se importam com ele. Quando o protagonista se sente valorizado, ele começa a mudar sua atitude e aceita a oportunidade de recomeçar sua vida. Ou seja, vemos como ele possui o potencial para crescer e tudo de que precisava era apoio para que começasse a acreditar em sua própria capacidade de melhorar.

Assim, também está presente o conceito das crenças, apresentado por Barcelos (2004), já que as crenças abrangem o que o professor sabe sobre o aluno, sua condição socioeconômica, seus medos, vontades, frustrações, interesses, entre outros, e como lidar com o aluno baseado nesses conhecimentos a seu respeito. Ou seja, é preciso realmente enxergar o aluno como ele é e buscar entender suas dificuldades para buscar soluções junto dele, algo que professores como Iwamoto, por exemplo, não

fazem. Dessa forma, as crenças que o aluno constrói sobre si mesmo e sobre suas capacidades de aprendizado são afetadas, o que explicaria porque Yusuke se vê como um problema na vida das outras pessoas e o motivo de mudar essa visão apenas quando percebe que ela estava errada, ou seja, apenas quando ele se sente valorizado.

Assim, essa pesquisa busca dissecar essas relações com suas peculiaridades para compreender, em detalhes, quais atitudes são prejudiciais para um aprendizado de qualidade e suas consequências na disposição do aluno para o ensino. Com isso, Yusuke será tomado como exemplo de um estudante comum, que está passível à influência que as atitudes dos professores têm sobre suas emoções e suas crenças, sobre o ambiente escolar, o ensino-aprendizagem e si mesmo.

4.2 As dores e os amores das relações humanas

Nesse momento, falarei das tribulações enfrentadas por Yusuke dentro do ambiente escolar: os conflitos com professores e colegas e a visão do protagonista sobre a escola, fazendo uso das teorias apresentadas para entender o que está errado nessas interações e o porquê de serem consideradas como tal.

A primeira imagem que temos de Yusuke na escola, nas página 10 do mangá, é quando ele está na sacada do prédio matando aula e fumando um cigarro, enquanto é confrontado por sua colega e amiga, Keiko, sobre seu comportamento inadequado, como podemos ver na figura 3:

Figura 3 - Yusuke sendo confrontado por Keiko



Fonte: Togashi (2014, p.10)

Ela, também, o alerta sobre o fato de um professor de nome Takenaka, estar chamando Yusuke para uma conversa na sala de orientação, porém o protagonista ignora, tanto o chamado quanto o aviso da amiga. Aqui, já é possível ver que o protagonista não possui muito apreço, ou interesse, pelo estudo ou pelas regras da escola, além de seu envolvimento com o vício em tabaco.

Logo adiante, na página 13, vemos Keiko interagindo com mais duas colegas, as quais afirmam ter medo de Yusuke, mencionando que até mesmo alguns professores teriam medo de chamar a atenção dele em sala e que o protagonista estaria envolvido em conflitos de gangues criminosas. Veja nas figuras 4 e 5:

Figura 4 - A fama de Yusuke



Figura 5 - Rebelde solitário



Fonte: Togashi (2014, p.14)

Com essa informação, fica claro que a imagem de Yusuke dentro da escola é a de um garoto problema, um delinquente. Porém, Keiko desmente essa fama de alguém perigoso que existe sobre o colega e diz, na página 14 que ele não possui amigos, além de afirmar que boatos desse tipo apenas pioram a fama de malvado do protagonista. Assim o leitor pode ver como Urameshi não é um criminoso perigoso, mas apenas um jovem rebelde solitário.

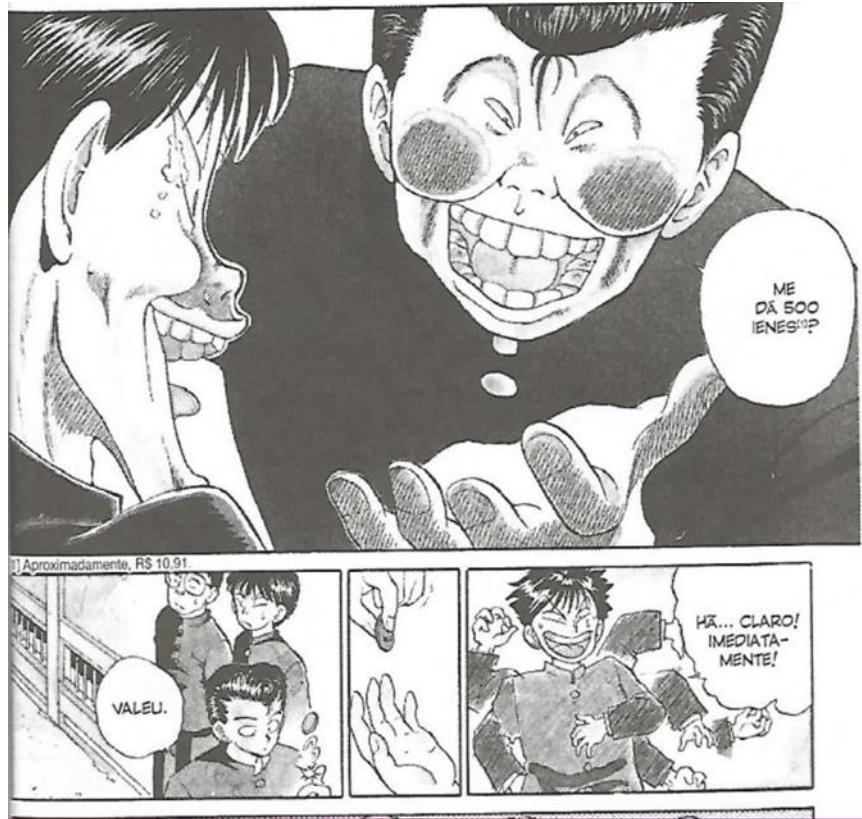
Depois, ainda na página 14, Yusuke caminha perto de dois estudantes da escola, que também estão fumando e matando aula. Nesse momento, o professor Takenaka ainda está chamando Urameshi para a sala de orientação, mas ele continua o ignorando. E, enquanto os estudantes conversam, eles mencionam que fizeram uso da fama de delinquente de Urameshi para extorquir dinheiro de outras pessoas. Ao confrontá-los, nas páginas 15 e 16, Yusuke faz um movimento que indica que irá socá-los, algo que assusta muito os dois estudantes, porém, para a surpresa geral, ele apenas pede por 500 ienes, pouco menos de 11 reais, de acordo com as conversões de moeda na época de publicação. Como está presente nas figuras 6 e 7:

Figura 6 - A aparente agressão



Fonte: Togashi (2014, p.15)

Figura 7 - A quebra de expectativas



Fonte: Togashi (2014, p.16)

Esse é um momento interessante porque aqui, vemos como o autor brinca um pouco com a imagem do protagonista e com as expectativas do leitor para o que poderia acontecer. De início, quando pensamos que Yusuke irá agredir os colegas, parece que está sendo confirmada a sua fama de alguém violento e perigoso, porém, acontece o contrário, Yusuke não procura uma briga. Isso serve para mostrar como a imagem que se criou dele dentro da escola não é tão fiel à realidade que as pessoas acreditam. Sendo que, até mesmo o leitor, se enganou sobre as atitudes do protagonista, dessa vez.

Yusuke, então, agradece pelo dinheiro e continua seguindo seu caminho, sem confrontar os garotos ou iniciar qualquer tipo de confusão. Entretanto, nesse momento, nas páginas 16, 17 e 18, o professor Iwamoto aparece e, mesmo sem entender a situação, imediatamente, acusa Yusuke de qualquer problema que estivesse acontecendo. Ele indaga os outros dois estudantes se Yusuke fez alguma coisa a eles ou se os roubou e, mesmo que os garotos neguem que qualquer coisa tenha

acontecido, o professor continua acusando Yusuke. Além de que, quando Iwamoto percebe o cigarro no chão, que havia sido fumado por um dos dois estudantes, ele, injustamente joga a culpa para o protagonista. Veja as figuras 8 e 9:

Figura 8 - O professor Iwamoto



Fonte: Togashi (2014, p.17)

Figura 9 - A acusação injusta



Fonte: Togashi (2014, p.18)

Durante todo o confronto, o professor usa termos agressivos e pejorativos com Urameshi, como: “seu lixo”, “raça ruim”, “escória” e “imprestável”. Terminando por expulsar Yusuke da escola ao final de tudo, o que leva o garoto a fazer um comentário agressivo de volta para o professor e se retira do local. Aqui, fica bastante claro como o professor não possui qualquer respeito por seu estudante, destratando-o e o acusando de coisas que não cometeu, mesmo que os outros estudantes afirmem que Yusuke não havia feito nada de errado. O professor Iwamoto assume que aquele jovem não possui valor algum e o relaciona apenas a atos ruins, sem dar a ele uma chance de se explicar. E, o protagonista, ao ser tratado com agressividade, reage da mesma maneira, sendo agressivo com o professor.

Fica claro que, nessa relação professor-aluno, não existe qualquer tipo de amorosidade, como se mostra essencial para a Pedagogia do Amor de Pestalozzi, apresentado na obra de Soëtard (2010). Para Pestalozzi (Soëtard, 2010), o ensino de verdade não é baseado no medo, mas em sentimentos positivos de amor, carinho e respeito. É preciso que o aluno se sinta bem no ambiente escolar e, também, consigo mesmo, para que ele desperte seu potencial para o aprendizado.

Na próxima cena, na página 19, Yusuke se encontra com outro professor, Takenaka, o mesmo que o estava chamando nos altos falantes da escola. Percebe-se que Takenaka genuinamente se importa com o garoto, pois ele havia chamado Yusuke para uma conversa diversas vezes, mas, como não foi atendido, o professor foi buscar o aluno pessoalmente. Como observado na figura 10:

Figura 10 - O surgimento de Takenaka



Fonte: Togashi (2014, p.19)

Takenaka aborda Yusuke com a firmeza e a autoridade que são esperadas de um professor. Ele chega a dar um leve soco no aluno, porém ele não é agressivo, nem usa termos degradantes como Iwamoto fez. Vejo essa atitude como uma forma de impor sua autoridade, baseada em métodos mais arcaicos do tempo que a história se passa, nos anos 1990. Entretanto, sua escolha de usar da agressão física para chamar a atenção de Yusuke é errada e deve ser tão repudiada quanto a agressão verbal de Iwamoto, pois de maneira alguma um professor deve fazer uso de tapas ou socos para educar os alunos, pois isso não se encaixa na educação adequada, mas em abuso de poder. Apesar de essa também não ser uma relação ideal e apresentar problemas, Takenaka é o único adulto que tenta se conectar com seu aluno de alguma forma.

Essa atitude de ir até Yusuke, demonstra o cuidado que Takenaka possui com o jovem protagonista, já que ele insiste em se comunicar com o jovem, se dispondo a ir até ele em pessoa. Esse cuidado, também está aparente quando o professor repreende Yusuke por fumar e por não estar frequentando a escola, demonstrando que ele se preocupa com seu bem-estar e com seu aprendizado.

Mais desse tipo de atitude de Takenaka se estende pelas páginas 20 e 21, quando ele tenta levar Yusuke até a sala de orientação para conversarem sobre os

problemas do aluno na escola, chegando, até mesmo, a oferecer um chá ao menino. Como vemos na figura 11:

Figura 11 - A preocupação do professor Takenaka



Fonte: Togashi (2014, p.20)

Assim, vê-se que Takenaka está seguindo o caminho de uma educação com amorosidade, pois ele realiza diversas tentativas de se aproximar do aluno e entender pelo o que ele está passando. Como vimos que é necessário dentro do ensino, através da teoria das crenças apresentada por Barcelos (2004), de conhecer a realidade do aluno, aquilo que o afeta negativa ou positivamente. Takenaka procura entender as crenças de Yusuke, mostrando que ele entende que, como também disse Barcelos (2004), seu aluno precisa ser o foco do ensino, é preciso entendê-lo, para que o processo de ensino-aprendizagem possa acontecer.

Yusuke, porém, se esquivava das tentativas de aproximação de Takenaka e foge da escola. Ele não reage da mesma maneira agressiva como fez com o professor anterior, mas de uma maneira rebelde quase brincalhona, enganando Takenaka para escapar. E, mesmo quando Yusuke não dá atenção aos conselhos de Takenaka e vai embora, o

professor termina a interação deles pedindo, mais uma vez, que o protagonista volte para a escola no dia seguinte.

É interessante notar, como Yusuke não reage tão agressivamente como ocorreu com o professor Iwamoto, mostrando que ele apenas responde igualmente ao tratamento que dão a ele, um tratamento raivoso gera uma reação raivosa e um tratamento mais respeitoso, gera uma reação mais tranquila. Isso não implica que seu comportamento com Takenaka esteja certo, mas demonstra que sua agressividade pode ser apenas um tipo de defesa quando alguém o ataca injustamente. Porém, mesmo que a relação dos dois não se mostre tão arisca quanto a de Yusuke e Iwamoto, o jovem não demonstra respeito pela figura de autoridade do professor e desobedece a seus pedidos e conselhos, o que é um problema e demonstra sua descrença com os adultos em sua vida, talvez por não confiar neles ou por não se sentir respeitado por eles.

Como explicou Pestalozzi (Soëtard, 2010), assim como ocorre na relação de uma mãe com seu filho, é necessário que exista a amorosidade, porém, também é preciso que haja obediência por parte da criança, o aluno, com sua mãe, o professor. Pestalozzi (Soëtard, 2010) afirma que é preciso existir a harmonia entre a emoção e a disciplina dentro da aprendizagem. Ele, também definia o professor como um tipo de guia para o aluno dentro do processo de ensino-aprendizagem e, caso o aluno não possua respeito e obediência a essa figura, não confie nele o suficiente para seguir suas orientações, o processo não alcança seu objetivo formativo.

Em seguida, nas páginas 21 e 22, vemos um pouco da vida familiar de Yusuke. Com as informações que são apresentadas, é possível assumir que Yusuke é filho único de uma mãe solteira, visto que vemos somente os dois dentro de casa e, em momento algum há menção a alguma figura paterna ou outro membro da família. A casa onde os dois moram também parece ser simples e a área residencial aparenta ser em um subúrbio, indicando que eles não possuem muito dinheiro, algo que se confirma com o diálogo que se segue entre os dois. Veja a figura 12:

Figura 12 - Área residencial onde Yusuke mora e sua mãe, Atsuko Urameshi



Fonte: Togashi (2014, p.21)

A mãe de Yusuke, Atsuko, está de camisola, fumando um cigarro, e ele questiona se ela haveria acordado naquele momento, além de que ela pede que ele a faça um café enquanto reclama de dor de cabeça. Tudo isso pode indicar que ela estaria de ressaca da noite anterior. Assim, podemos assumir algumas possibilidades: ela não trabalha durante o dia ou não possui emprego fixo ou possui um trabalho durante a noite ou passou a noite bebendo. Ou seja, independentemente da resposta correta, fica claro que ela não possui uma rotina de trabalho comum.

Quando Atsuko questiona Yusuke sobre ele não estar na escola, na página 22, ele fala que “vazou” porque “deu no saco”. A mãe do protagonista, então, afirma que, se ele não possui interesse nos estudos, deveria largar a escola, pois ela custa dinheiro, levando à interpretação de que eles não possuem muito e aquilo seria um gasto desnecessário. Atsuko, ainda, manda Yusuke começar a trabalhar, afirmando que ela própria trabalhou para pagar os estudos quando tinha 14 anos, como o protagonista. Confirmando, ainda mais, a condição econômica deles. Durante esse diálogo, ela chega a usar o termo “vagabundo” para se referir ao filho. Por fim, Yusuke se irrita e sai de casa. Veja a figura 13:

Figura 13 - A vida familiar dos Urameshi



Fonte: Togashi (2014, p.22)

Através dessa pequena demonstração da vida íntima de Yusuke com a família, sua mãe, podemos notar que eles, provavelmente, lidam com problemas financeiros, ou não estão muito confortáveis financeiramente. Além dos conflitos existentes entre os dois, a mãe do protagonista o desestimula de ir à escola e não existe qualquer conversa amigável sobre o que aconteceu durante o dia deles. Atsuko não questiona os motivos que fizeram seu filho sair da escola e Yusuke não se abre com ela, preferindo se retirar daquela situação desagradável a buscar algum consolo com a mãe, possivelmente por acreditar que não encontraria. Vemos que se trata de uma relação familiar desestruturada.

Fazendo um apanhado geral das situações apresentadas até esse ponto na história, da página 10 à 22, fica claro que os relacionamentos de Yusuke, com os adultos em sua vida, são cheios de desentendimentos e brigas, o que gera comportamentos de indisciplina, raiva e frustração no protagonista.

Tais comportamentos não são inerentes a ele, porque ele é uma pessoa ruim, mas reflexos do que ele vivencia no dia a dia e de como aqueles ao seu redor o tratam. As crenças que outras pessoas têm sobre ele afetam suas próprias crenças sobre si mesmo. Como disse Barcelos (2004), as crenças envolvem construção de identidade, somos aquilo em que acreditamos. Quando as figuras que deveriam demonstrar apoio e compreensão a Urameshi, são aquelas que atacam seu valor enquanto pessoa, ele passa a acreditar nisso e a agir como tal.

De início, olhemos para o seio familiar do protagonista. Pelo fato de Atsuko ter acordado apenas quando Yusuke volta da escola, indica que ela não estaria acordada quando ele saiu mais cedo. Ou seja, eles não tiveram uma conversa matinal sobre os estudos do jovem, ela não o ajudou a se preparar para a escola e nem estava presente para ter certeza que ele havia pegado todo o material necessário, se alimentado, nem se ele estava bem emocionalmente quando saiu de casa. Os sintomas de ressaca e o horário que ela está acordando também indicam que ela teria passado toda a noite fora, ou a maior parte dela. Portanto, eles perderam mais esse momento de contato e ela não viu se o filho dormiu bem ou se dormiu cedo.

Além do pouco contato que os dois têm dentro de casa, os curtos momentos de conversa entre os dois não parecem ser muito amorosos, já que a mãe chega a se referir ao próprio filho como um “vagabundo” e um incômodo, mas ele não se surpreende com isso, como se essa forma de tratamento entre os dois não fosse incomum naquele ambiente. Isso demonstra que Yusuke vive em um ambiente familiar desestruturado, onde ele não encontra o carinho e o apoio necessários para que se desenvolva como um cidadão.

Assim, vê-se que a mãe de Yusuke falha em fornecer a ajuda necessária para a educação do filho, sem apoio moral ou emocional, diálogos ou incentivo. O processo educativo de formação dos alunos deve ser uma tarefa conjunta entre os pais e a escola, de acordo com o pensamento de Pestalozzi, como foi explicado por Soëtard (2010), o ideal seria que os pais fossem educadores na mesma medida que a escola, para o desenvolvimento do bem comum na educação dos filhos.

Porém, no caso de Yusuke, essa parte do elo não é funcional, o que prejudica a aprendizagem como um todo, pois a família precisa ter uma participação frequente

durante a formação escolar dos filhos, colaborando com a escola para que ela atinja seu objetivo transformador.

Devido a esses problemas em seu lar, o local que resta para o protagonista encontrar refúgio seria na escola, através do contato com colegas da mesma idade e com professores que o auxiliem e guiem em seu processo de formação. Entretanto, quando passamos para a análise de Yusuke na escola, nos deparamos com um cenário não muito diferente de sua vida familiar.

A história transparece que Yusuke é um rapaz solitário, sem amigos, e, para piorar, seus colegas não têm uma boa imagem dele, o descrevendo como alguém agressivo e envolvido com gangues. O maior infortúnio, todavia, é a relação do protagonista com o professor Iwamoto, devido a seu comportamento extremamente rigoroso e autoritário, a ponto de tratar os alunos com raiva e ignorância. Aqui, lembro da importância de se considerar as emoções do aluno em relação ao ambiente escolar e às pessoas que estão nele, como explicado por Aragão (2011). Pois, se o aluno possui apenas emoções negativas dentro da escola, ele não se sente confortável nela e não vai querer permanecer naquele lugar, nem o aprendizado será eficiente, se o aluno não se sente bem o suficiente para se dedicar a aprender os conteúdos.

Ao se deparar com um aluno que está se desviando do caminho da cidadania, Iwamoto não tenta guiá-lo de volta para ele, mas o afasta mais. O professor acusa Yusuke de ter cometido problemas na escola, mesmo que não tenha provas disso, e nem ao menos deixa o garoto se explicar. Também é condenável a maneira, nem um pouco ética, como Iwamoto usa termos pejorativos e ofensivos com um aluno de 14 anos, como se ele fosse uma praga, uma inconveniência.

Essas atitudes caracterizam um profissional que não possui respeito pela parte humana e sensível do ensino, dando importância apenas aos conhecimentos acadêmicos e a formar pessoas submissas à sua vontade. E, como discutido anteriormente, Yusuke internaliza esse tratamento e reage de maneira agressiva a esse tratamento. Nesse caso, fica claro que não há espaço para a amorosidade ou o diálogo e, conseqüentemente, a formação do aluno, que também se fecha para ao professor e não está disposto a seguir sua orientação ou, nesse caso, suas ordens.

Podemos entender os problemas dessa atitude de Iwamoto com a crítica feita por Barcelos (2004) a professores que tentam classificar os alunos e suas crenças através de um filtro de qualidade, idealizando a imagem de um aluno perfeito e classificando o aluno, cujas crenças fogem a esse ideal, como inaptos para o aprendizado. Ao ver que Yusuke não se comporta como um aluno ideal, que obedece às regras e é submisso à sua autoridade, Iwamoto o descarta. Ele não tenta compreender quais são as condições externas, sociais e culturais, que Yusuke traz consigo para a escola, que estão afetando seu desempenho como aluno.

Como vimos, Yusuke passa por problemas em casa que abrangem dificuldades econômicas, falta de apoio familiar e atritos com sua figura responsável. Como explicou Barcelos (2004), todas essas características compõem as vivências de Yusuke, suas crenças. É através desses aspectos de sua vida que o protagonista desenvolve sua visão sobre o mundo e sobre as pessoas, portanto seu comportamento em situações sociais, na escola, por exemplo, também é influenciado por essas condições.

Ao ignorar essa parte formativa da vida de seu estudante, o professor Iwamoto, está ignorando o próprio aluno. Ele não tenta conversar com Yusuke para descobrir o que poderia estar motivando tais comportamentos dentro da escola, mas o trata com ignorância e raiva, sem qualquer amorosidade. Com isso, Yusuke apenas se fecha mais para o professor e para o aprendizado, fazendo com que, mesmo quando outro professor tenta conversar com ele e entender suas dificuldades, ele o rejeite.

Em momento algum, o professor reflete sobre as experiências e problemas pelos quais seu aluno passa, que influenciam o seu comportamento atual. Iwamoto apenas enxerga Yusuke como um inconveniente, um rebelde que desvia do conceito de um aluno perfeito e, portanto, não possui capacidade para participar do processo de ensino-aprendizagem.

A rejeição e agressividade de Yusuke com todos os adultos próximos a ele são possíveis consequências de seu ambiente familiar desestruturado e da maneira como alguns de seus colegas e professores o tratam. Esse é um excelente exemplo para demonstrar como as emoções do aluno têm um papel fundamental em seu processo de aprendizado. Pois, o ensino envolve diversos fatores, que vão além do conteúdo apresentado em sala de aula. Ensinar envolve, também, o contato humano entre

professores e alunos, seu ambiente familiar, sua condição socioeconômica, seu estado emocional, entre outros.

Por isso, é preciso entender o aluno, pelo que ele passa em casa e fora dela, quais suas necessidades, suas inseguranças, seus interesses, o que ele espera da escola e do ensino; para que o professor esteja realmente preparado para recebê-lo e lidar com ele em sala de aula Barcelos (2004). Na história do mangá, Yusuke sofre com problemas em casa e, ele acaba refletindo isso na escola, porém seus professores não estão preparados para oferecer a ajuda que ele precisa, o que, conseqüentemente, leva-o a rejeitar o ambiente escolar, impedindo o aprendizado.

4.3 O amor-próprio que nasce do luto

Depois do breve confronto entre Yusuke e Kuwabara, chegamos ao momento do acidente. Yusuke está caminhando pela rua quando se encontra com uma criança que estava brincando com uma bola na calçada, próximo ao movimento de veículos na rua. O protagonista dá uma bronca no garoto sobre os perigos de brincar na rua e, para não parecer tão rígido, Yusuke faz algumas caretas, na tentativa de fazer o garoto rir, mas sem sucesso. Isso acontece nas páginas 26 e 27. Veja a figura 14:

Figura 14 - O encontro de Yusuke e Masaru



Fonte: Togashi 2014, p.27)

Yusuke, porém, não desiste, e continua tentando fazer o garoto rir e finalmente, na página 28, atinge o seu objetivo, mesmo que acabe assumindo uma imagem estranha para as pessoas que passam por perto. Veja a figura 15:

Figura 15 - O rebelde gentil



Fonte: Togashi (2014, p.28)

Esse é um momento interessante que o autor adicionou pois, apesar de não parecer importante para a narrativa, ele serve para quebrar a imagem de malandro violento e brigão que Yusuke vinha apresentado na história. Aqui vemos que Yusuke ainda é, realmente, um pré-adolescente de apenas 14 anos, com um espírito brincalhão e um coração gentil.

Depois, nas páginas 29,30 e 31, vemos o protagonista relembrar ao garoto, mais uma vez, sobre os perigos de brincar próximo a veículos em movimento e ir embora. Entretanto, a bola com a qual a criança brincava acaba rolando para a rua e o garoto vai buscá-la, ao mesmo tempo que um carro se aproximava em alta velocidade. Yusuke, que observava a cena, corre até lá e empurra o garoto para fora do alcance do carro, mas isso resulta no próprio Yusuke sendo atingido.

E, então, voltamos para o ponto de onde a história havia partido: com Yusuke, agora um fantasma, flutuando sobre a cena de seu próprio acidente, mas, dessa vez, lembrando de tudo que havia acontecido. E, nesse momento, aparece Botan, ela se

apresenta como uma guia que leva os espíritos perdidos para o próximo plano, ao céu ou ao inferno.

Botan afirma, que no mundo espiritual, a visão que se tem de Yusuke não é muito diferente da terra. Ele é definido como “rude, violento, impaciente, impulsivo, ladrão e burro”, além de revelar para o leitor que Yusuke já foi “levado pela polícia”. O que confirma que o protagonista realmente tem um modo de vida problemático.

Em seguida, Yusuke se preocupa com o bem-estar de Masaru, e Botan o leva até o hospital onde o garoto foi atendido, mostrando que ele sobreviveu e não sofreu nenhum ferimento grave. Assim, Yusuke fica aliviado e diz que está pronto para ir com Botan. Aqui, está mais um exemplo da bondade que reside no coração do protagonista, pois ele se preocupa com Masaru antes de pensar em sua própria condição.

Contudo, a guia espiritual explica para Yusuke que nada daquilo havia sido planejado, pois o mundo espiritual não esperava que Yusuke morresse tentando salvar outra pessoa. Por esse motivo, Yusuke recebe a oportunidade única de fazer um teste de ressurreição, que o dará a chance de voltar à vida.

Nesse momento, acontece algo inesperado: Yusuke não quer fazer o teste. Segundo ele, ressuscitar não lhe trará vantagem algum porque, em suas palavras, na página 39, “todos devem estar aliviados por ele ter morrido” e, se ressuscitar, “só vai chatear eles”. Aqui, também, temos a confirmação de que Yusuke é filho de mãe solteira, pois ele diz que ela só tem 29 anos e, se ele sumir, “ela tem mais chances de agarrar um homem”. Veja a figura 16:

Figura 16 - A recusa ao teste de ressurreição



Fonte: Togashi (2014, p.39)

Dou uma atenção especial para essa cena, pois ela demonstra o ápice da visão que Yusuke possui sobre seu valor próprio. As falas do protagonista nesse momento são o reflexo de todas as experiências que ele vivenciou em seus principais ambientes de convivência. Ele se sente como um incômodo, um obstáculo que está atrapalhando a vida de todos ao seu redor. Afinal, é dessa forma que as pessoas o tratam e o jovem protagonista apenas internaliza esse tratamento, o usando como meio de medir seu valor enquanto ser humano.

Yusuke é um menino solitário, sem amigos, com exceção, talvez, de sua colega Keiko. E, fora o professor Takenaka, não há outro adulto que demonstre preocupação, afeto ou respeito com o protagonista. Ele é considerado um estorvo, chegando a ser descartado, expulso, tanto da escola, quanto de casa. Por isso, Yusuke não possui interesse em voltar à vida, já que, caso ele volte, apenas causará problemas para todos. Yusuke acredita que sua mãe, seus professores e seus colegas não o querem por perto e viverão melhor sem ele em suas vidas.

Sobre isso, vale relembrar as ideias de Aragão (2011), em relação à convivência dentro do ambiente escolar, pois, esse ambiente é formado pelas diversas interações

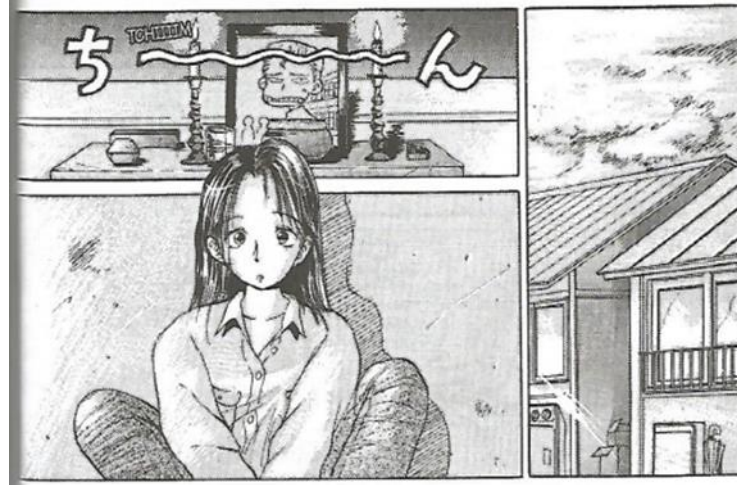
entre aluno/professor e aluno/aluno. Dentro dessa coexistência com outros seres humanos, há um entrelaçamento de razão com emoção e todos moldam uns aos outros, ou seja, as ações e falas individuais afetam as demais pessoas naquele ciclo. Dentro desse ambiente social, surge uma pressão sobre o aluno, pois ele tentará alcançar as expectativas dos demais e, caso não as alcance, se sentirá frustrado e incapaz. Além de ficar apreensivo em relação ao que pensarão dele, o que pode gerar sentimentos negativos, como ansiedade, medo e tristeza.

No caso do protagonista, ele é um garoto que se sente sozinho e rejeitado. Todos o tratam com ignorância, constantemente se referindo a ele com insultos e atitudes de apatia ou raiva. Por isso, o jovem desenvolve o sentimento de que ele não é aceito naquele grupo social e que sua presença é um incômodo, portanto, Yusuke acredita que, se ele não estiver presente, será melhor para todos.

Contudo, Botan dá a Yusuke mais tempo para pensar e reconsiderar sua resposta, sugerindo que ele assista a seu próprio velório e veja como as pessoas estão lidando com sua morte. Yusuke aceita a sugestão, e, então, partimos para a cena do velório do protagonista.

Da página 40 à 46, acompanhamos o protagonista enquanto ele observa a cerimônia de seu próprio funeral. De início, na página 40 vemos a mãe de Yusuke sentada no chão e aparentando estar em estado de choque. Em seguida, na página 41, o protagonista vê sua colega, Keiko, chorando muito, enquanto é consolada pelas amigas, como observado nas figuras 17 e 18. O que quer dizer que, apesar da relação das duas com o protagonista possuir seus atritos, elas realmente se importavam com ele e foram, possivelmente, as mais afetadas por sua morte.

Figura 17 - A mãe de Yusuke em estado de choque



Fonte: Togashi (2014, p.40)

Figura 18 - Keiko sendo consolada



Fonte: Togashi (2014, p.41)

Depois, na página 42, Kuwabara, o outro garoto encenqueiro da escola, com quem Yusuke havia brigado anteriormente no capítulo, aparece muito agitado, sendo contido por seus amigos e gritando pedindo que Yusuke volte, para lhe dar uma “revanche”, veja a figura 19. Isso mostra como, mesmo que os dois tivessem suas diferenças, Kuwabara possui apreço por Yusuke e quer ele em sua vida.

Figura 19 - Kuwabara pedindo que Yusuke ressuscite



Fonte: Togashi (2014, p.42)

Já na página 43, Yusuke vê o professor Iwamoto, junto com um outro professor, cujo nome não é mencionado, fazendo comentários nada éticos sobre como a morte do rapaz foi benéfica para a escola e supondo que Yusuke teria tentado empurrar a criança, em um ato de maldade, como é possível ver na figura 20. Durante essa fala, fica clara a índole distorcida de Iwamoto, provando que, além de um professor ruim, ele também é um ser-humano detestável. E, na página 44, essa conversa é interrompida por Takenaka, que enfrenta os dois e condena a imoralidade de suas falas. Veja a figura 21.

Figura 20 - A índole distorcida de Iwamoto



Fonte: Togashi (2014, página 43)

Figura 21 -A intervenção de Takenaka



Fonte: Togashi (2014, página 44)

Na próxima página, 45, Takenaka conversa com a foto de Yusuke que está no altar. Ele elogia o feito altruísta de seu aluno e se mostra muito abalado com sua morte, aparentando estar segurando as lágrimas. Nesse momento, quando Atsuko ouve as palavras emocionadas do professor, ela parece voltar à realidade e, finalmente,

processar seu luto. A mãe de Yusuke sai do choque e começa a chorar. Veja a figura 22:

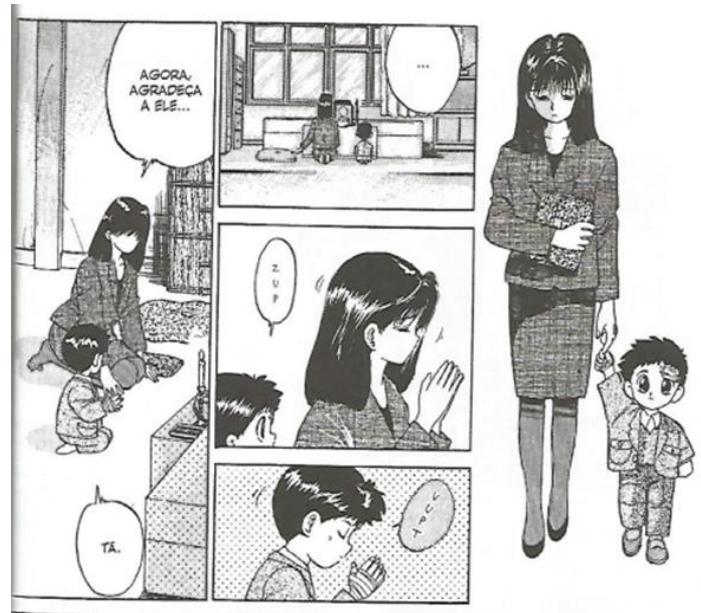
Figura 22 - Takenaka e Atsuko chorando pela morte de Yusuke



Fonte: Togashi (2014, página 45)

Na página 46, chegam, o garoto que foi salvo por Yusuke, Masaru, e sua mãe. Veja a figura 23. Os dois rezam por Yusuke e a mãe orienta seu filho para que ele agradeça ao protagonista por tê-lo salvo. Depois, a mãe vai até Atsuko e presta seus respeitos a ela, porém, a mãe do protagonista ainda se encontra muito abalada, chorando muito e não dá atenção à mulher a sua frente.

Figura 23 - Masaru e sua mãe no velório de Yusuke



Fonte: Togashi (2014, página 46)

Em seguida, nas páginas 47 e 48, Yusuke observa Masaru e sua mãe enquanto eles saem do velório e andam pela rua. Veja a figura 24. O protagonista se emociona com a cena de Masaru perguntando se Yusuke estaria apenas dormindo “dentro daquela caixa” e pede à sua mãe que eles voltem depois, quando Yusuke estiver acordado. Veja a figura 25. Esse foi o último empurrão que faltava para que Yusuke mudasse de ideia sobre o teste de ressurreição, assim, ele chama a guia espiritual e diz que gostaria de fazer o teste. Veja a figura 26. Com isso, chegamos ao fim do capítulo.

Figura 24 - Masaru conversando com sua mãe



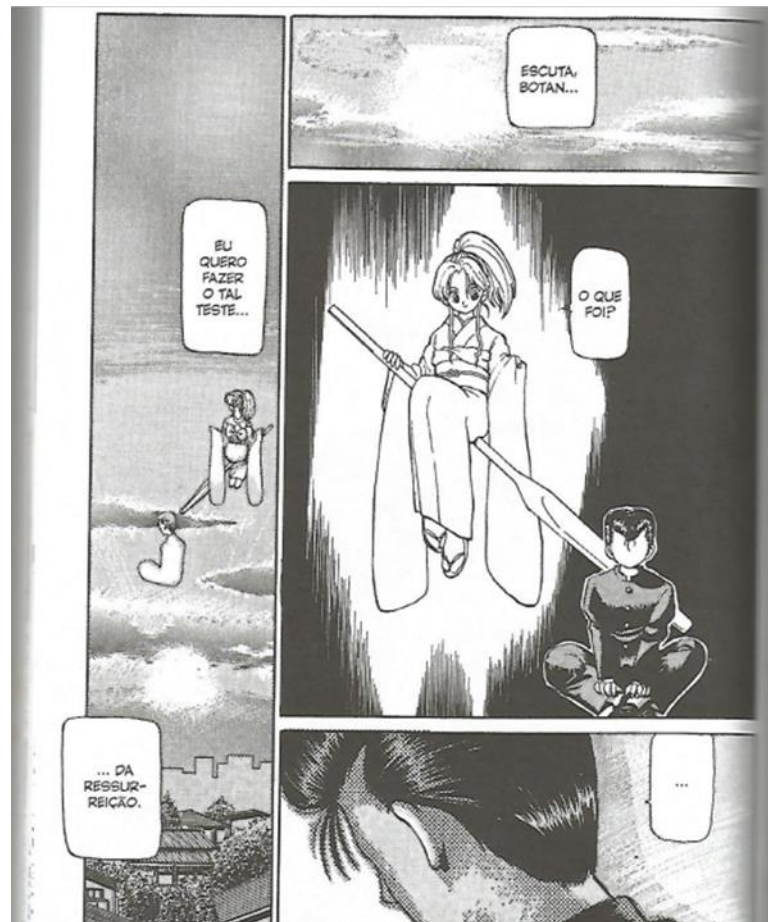
Fonte: Togashi (2014, página 47)

Figura 25 - Yusuke se emociona com a fala de Masaru



Fonte: Togashi (2014, página 48)

Figura 26 - Yusuke aceita fazer o teste de ressurreição



Fonte: Togashi (2014, página 49)

Ao longo dos acontecimentos nessas páginas, Yusuke observa, surpreso, pessoas de sua vida que estão tristes com sua morte e que sentem a falta dele. E, apenas ao perceber isso, ele decide ressuscitar. Apenas quando ele se sente querido, amado, Yusuke vê valor em sua existência. Assim, podemos assumir que, Yusuke queria voltar a viver, mas não queria voltar para aquele mesmo ambiente hostil que ele enfrentava diariamente, o que pode ter levado à sua negação inicial.

Com isso, vemos que, se o aluno está cercado apenas por incompreensão e rejeição, ele não quer permanecer ali. Ele pode deixar de frequentar a escola, ou, mesmo estando presente, ele não está integrado, sem participar das atividades ou prestar atenção no professor e sua explicação. Na mesma medida, se ele não se sente bem em casa, pode tentar buscar apoio dentro da escola, mas, quando é recebido apenas com mais sentimentos negativos, ele não conseguirá mais entender aquele

ambiente como um de aprendizado e formação, e, sim, como uma parte responsável por seu infortúnio.

Sendo assim, a partir da análise de Yusuke, relembro como, dentro do ensino de línguas, as emoções do aluno em relação ao ambiente da sala de aula, e sobre sua própria capacidade de aprendizado, são essenciais para que a aquisição de uma segunda língua seja possível. Se o aluno não se sente bem com o professor e com os colegas, ele não consegue se integrar naquele ciclo social. Além de que, se ele não sente que está no mesmo nível que os demais alunos, isso impede que ele realize propriamente, atividades práticas como conversações e apresentações, além da dificuldade de trabalhar em duplas ou grupos maiores com seus colegas de classe.

Se não houver cuidado com o bem-estar do aluno no geral, dentro e fora do ambiente escolar, não é possível integrá-lo ao processo de ensino-aprendizado, ele fica deslocado, à parte. E, caso o professor não se aproxime dele com atenção, amor e cuidado, o aluno apenas continuará se afastando e rejeitando o ensino, perdendo o interesse em aprender uma nova língua por não se enxergar como alguém capaz de aprendê-la.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a entender a importância do amor e do respeito dentro do ambiente escolar, focando, a princípio, na relação aluno-professor, e estendendo-se a relações familiares e de amizade, por considerar a relevância dessas na vida escolar dos estudantes. Nosso estudo foi movido pelo desejo de explorar as necessidades emocionais dos alunos dentro do ensino-aprendizado de línguas. Fazendo o uso, para isso, da interpretação da história do mangá Yu Yu Hakusho, embasando-nos nas teorias das crenças, das emoções e da Pedagogia do Amor. Sendo elas necessárias para filtrar, através da visão de teorias de ensino, as dificuldades enfrentadas por Yusuke Urameshi, enquanto um estudante que lida com a falta de afeto dentro do ambiente escolar.

Tendo esta pesquisa visado demonstrar a docentes, em formação e atuantes, como também a pais de alunos, o papel fundamental que as emoções dos estudantes desempenham em seu desenvolvimento acadêmico e humano. Sendo que, por mais que o foco tenha se voltado para o ensino de línguas, essa é uma discussão que pode se estender a todas as áreas de ensino, considerando que os sentimentos são inseparáveis das experiências humanas.

A intenção deste trabalho foi de investigar as consequências dos conflitos na relação entre o protagonista Yusuke Urameshi e seus professores, dentro do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, foram definidos três objetivos específicos, dos quais o primeiro foi compreender como esse relacionamento afeta sua vida pessoal e escolar, e, sobre ele, foi possível observar que o desenrolar da relação do protagonista com seus professores afeta diretamente seu comportamento na escola e fora dela. Mostrando que, ao ser tratado de forma raivosa e desrespeitosa, Yusuke reage na mesma medida, sendo agressivo e desafiando a autoridade dos professores, além de se fechar emocionalmente para a escola e para as pessoas de seu ciclo social.

O segundo objetivo específico foi entender a importância de conhecer e respeitar o estudante. Sobre ele, foi notado que, quando o professor não conhece seu estudante, ou seja, não está consciente de suas vivências, sua condição socioeconômica, seus medos e interesses, ele não saberá lidar com o aluno, como abordá-lo e promover um

método de ensino que realmente funcione para ele. Além de que, quando não existe respeito dentro da relação professor-aluno, não é possível ocorrer qualquer tipo de aproximação emocional positiva, fazendo com que o aluno relacione a escola apenas a emoções negativas e passe a evitá-la e não respeite os professores e seus ensinamentos.

No terceiro objetivo específico, foi proposto analisar as consequências da falta de afeto na autoestima do estudante. Na pesquisa, entendeu-se que, quando o aluno não recebe afeto de seus professores, ele não se sente querido e sua perspectiva sobre si mesmo e sobre seu valor próprio é prejudicada. O que, conseqüentemente, faz o aluno sentir que ele é um estorvo que não possui importância dentro do processo de ensino-aprendizagem, portanto, sua presença não lhe parece necessária naquele ambiente, levando-o a parar de frequentar a escola.

Assim, diante das reflexões apresentadas sobre o mangá Yu Yu Hakusho, foi possível concluir, através da vida, e da morte, de Yusuke Urameshi, a importância que a amorosidade e o respeito possuem dentro do ensino-aprendizagem e das relações humanas que o compõem. Pois, durante a análise, percebemos como a falta desses aspectos prejudicaram o protagonista, promovendo comportamentos agressivos, envolvimento com furtos e vícios. Além de danificar sua autoimagem pois, como ele sempre era tratado como um garoto-problema, um delinquente, era assim, também, que ele enxergava a si mesmo, não reconhecendo a si próprio como um cidadão fundamental para seu ciclo social.

Não havia respeito pelas emoções de Yusuke por parte do corpo docente da escola, o que fez com que ele evitasse o ambiente, faltasse às aulas e se sentisse incapaz. E, como foi apresentado na pesquisa, o aprendizado de línguas está diretamente ligado com o emocional do aluno, envolvendo sua autoestima, seus níveis de ansiedade, o que ele pensa do ensino-aprendizado e como ele se sente dentro do processo. Se ele se sente inferior aos demais colegas, se sente inapto a aprender, não consegue socializar dentro da sala de aula ou não está confortável dentro do ambiente escolar, sua disposição para o aprendizado de uma nova língua é, consideravelmente, diminuída.

Portanto, se o aluno de línguas se encontra em uma situação como a do protagonista de Yu Yu Hakusho, na qual seus professores não conseguem se comunicar com ele e entender suas dificuldades para, assim, promover um método de ensino eficaz para ele, de acordo com sua situação, seu aprendizado será impossibilitado.

Assim, as conclusões que podemos tirar de tudo que foi discutido é que professores de línguas precisam buscar conhecer o contexto socioeconômico emocional de seus alunos, o que ele traz para dentro da sala de aula. Suas dificuldades, seus conhecimentos prévios sobre o aprendizado de uma nova língua, seu ambiente familiar etc. Além de seus sentimentos em relação à escola, à sala de aula e ao ensino de línguas.

Por fim, vale notar que, essa pesquisa, por seu caráter superficial e limitado, não encontrou todas as repostas e soluções para os problemas enfrentados por alunos e professores dentro do ensino-aprendizado de línguas. Essa é uma discussão antiga e extensa, cuja evolução é contínua, caminhando junto das mudanças dentro do ensino. Ao longo dos anos, surgem novos tipos de alunos, nascidos em gerações mais modernas e, por isso, é preciso desenvolver novas metodologias para acompanhar tais mudanças, para que o ensino não se torne obsoleto.

Portanto, depois dessa afirmação, lembro da necessidade de se desenvolver novas pesquisas sobre o tema, explorando diferentes abordagens e teorias, para que possamos desenvolver metodologias mais efetivas, os quais, permitam à educação ser uma experiência agradável, de caráter formativo, e não uma fomentadora de traumas em nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. C. Emoções no ensino/aprendizagem de línguas. *In*: ANDRADE, M. R. M. (org.). **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas**: múltiplos olhares. São Paulo: Pontes Editores, 2011 p. 163-189.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N.; PANASIEWICZ, Roberlei. **Metodologia Científica: A Ciências e Seus Métodos**. Belo Horizonte. Universidade FUMEC, 2013.

BARCELOS, A. M. F. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas**. Linguagem e Ensino, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

RAMOS, Josias Silva. **Mangá**: história, conceito e caracterização do personagem. 2012. Monografia (Bacharelado em Artes Visuais). Universidade Do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Pernambuco: Massangana, 2010.

TOGASHI, Yoshihiro. **Yu Yu Hakusho**. São Paulo: JBC, vol. 1, 2014.